

ILUSTRAÇÃO

N.º 203 — 9.º ano



OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (4.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$50
ELAS E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	8\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	2\$00
	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	1\$50
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	2\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	5\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	2\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	6\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	3\$00
	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século xviii. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Queira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Senhoras Portuguesas

A nossa Companhia tem uma existencia de quasi um seculo, e um nome muito respeitavel, para vos fazer uma afirmação que não seja a expressão da verdade. Queremos dizer-vos, sob a nossa honra, que a



MAIZENA DURYEA

que ha mais de 70 anos vendemos em todo o Mundo, é o producto mais puro, mais alimentar, que podeis dar aos vossos filhos, aos vossos doentes e a pessoas idosas.

A sua rapida assimilação no estomago mais juvenil ou mais delicado tornáram-na celebre nas 5 partes do globo. Milhares de creanças se fizeram fortes e sadias com o seu uso, e milhares de medicos a recomendam ha 70 anos como um alimento ideal, pelo seu valor nutritivo.

A MAIZENA é extraída do milho, por processos scientificos nossos, e por isso possui todas as suas particulas nutritivas—gluten, proteínas, e 89% de hidratos de carbono. Um kilo de MAIZENA possui 3.550 calorias. É deliciosa ao paladar e todas as creanças a apreciam, não se cansando de a comerem.

A MAIZENA DURYEA é, tambem o alimento mais economico que se conhece e V. Exa. ao mesmo tempo que vê o seu filho crescer robusto e sadio, sentirá a conveniencia de não dispender centenas de escudos com productos caros, em nada igualaveis com a economica MAIZENA DURYEA.

A fama da MAIZENA tem feito surgir infinitas imitações. Não faça caso do que lhe disserem e regeite-as—se não quiere pôr em risco a saúde de quem as usar.

A MAIZENA tem a mais larga applicação na confecção de doces, puddings, biscoitos, etc. Damos, gratis, um livro de cozinha, com receitas deliciosas e variadas, a quem no-lo pedir.



CARLOS DE SA PEREIRA, Lda.
Rua dos Sapateiros 113, 2º, LISBOA

Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livre de cozinha.

Nome

Morada

Localidade
Port.3

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca

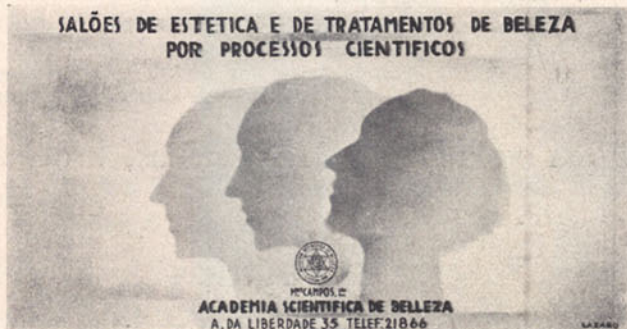
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 50 - Lisboa
PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SALÕES DE ESTETICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA
POR PROCESSOS CIENTIFICOS



Grande sucesso literário:

À VENDA O 4.º MILHAR

JÚLIO DANTAS
AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jurisconsultos de sáias — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As amigas do homem

1 volume de 312 páginas, brochado **12\$00**
 encadernado **17\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR:

ALEXANDRE HERCULANO

**SCENAS DE UM ANNO
 DA MINHA VIDA**

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

Coordenação e prefácio de **Victorino Nemésio**

1 vol. de 324 págs., broc. **12\$00**
 enc. **17\$00**

Pelo correio à cobrança, mais **2\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MARIA BENIGNA

O novo livro de AQUILINO RIBEIRO

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontestável, a aparição dum novo livro de **Aquilino Ribeiro** é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de **Aquilino Ribeiro**, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . . Esc. **12\$00**
 Encadernado Esc. **17\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Vai aparecer brevemente um livro
indispensavel em todos os lares

MANUAL
DE
MEDICINA DOMÉSTICA

HIGIENE, DIETÉTICA, GIMNÁSTICA,
ENFERMAGEM, FARMÁCIA CASEIRA, DEFINIÇÃO
E TRATAMENTO DAS DOENÇAS,
SOCORROS DE URGÊNCIA

A descrição do corpo humano * As plantas medicinais
e suas applicaçõ:s * O tratamento dos doentes na ausên-
cia do médico * Cuidados essenciaes na defeza da saúde
e longevidade * Os conhecimentos de medicina indispen-
saveis a toda a gente * Receitas de cosinha para doen-
tes, convalescentes e sãos, etc.

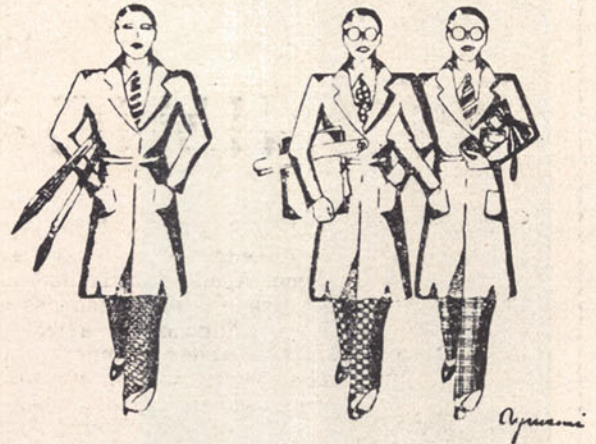
SEGUNDA EDIÇÃO MELHORADA E MUITO AUGMENTADA

POR SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
2 1308 **IRMÃOS, L.** DA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

A aparecer brevemente

É A GUERRA

Diário da grande con-
flagração europeia

POR

AQUILINO RIBEIRO



PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

O MESTRE POPULAR

ou

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de tódas as inteligências e de tódas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tódas as exposi-
ções a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE
HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária
e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS
OS GÊNEROS simples e de luxo**

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA

Telefone 2 2074

SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Acaba de sair a
nova edição do

Desenho de máquinas

DA

Biblioteca de Instrução
Profissional

1 volume de 344 páginas,
283 gravuras e 91 estam-
pas. Encadernado em per-
calina, Esc. 30\$00. —
Pelo correio à cobrança,
Esc. 32\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Uma
refeição
num
momento



KELLOGG'S Corn Flakes servem-se directamente do pacote para o prato. Estes flocos de milho estão sempre frescos e torrados como se acabassem de sair do forno, e com leite ou nata constituem um prato saboroso que agrada a miudos e graúdos. É um cereal leve, fácil de digerir e também alimentício. Quem compra um pacote de KELLOGG'S Corn Flakes poupa o tempo e as despesas de cozinhar.

**Kellogg's
CORN FLAKES**



A venda nos bons es-
tabelecimentos - em pa-
cotes verde e vermelho.

DISTRIBUIDORES:

FIGUEIRA & ALMEIDA
Rua da Madalena, 88
LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

SOBREPÕE-SE a qualquer outro acontecimento da quinzena o acto comemorativo da revolução de Maio, espaçado ao longo de três dias e distribuído por cortejos, exposições, discursos e o inevitável bodaçal. Passar em silêncio de relato ou comentário o que aconteceu, seria atitude pouco digna de cronista entendedor do seu dever e não chegaria a ser recurso hábil para simular um propósito abstencionista. Melhor é pois não iludir a obrigação imposta, por tácito consenso, ao que desempenha o cargo de relator e repudia a situação de indiferente à política que não fica bem ao homem de mente válida. O desinteresse pela vida pública e maneira de conduzi-la traduz mingua de inteligência, de cultura, ou acto partidário. Na circunstância presente poderia significar a condenação de toda ou mór parte da obra produzida, dada a impossibilidade de exprimir o parecer crítico, completo de detalhes de sim ou não.

A verdade consiste em que no balanço se acha maior volume digno de louvor que de censura. O bom avulta sobre o mau, por isso não custa falar do que aconteceu e procurar-lhe um sentido.

Houve como nos anos precedentes uma parada militar com dois aspectos dignos de registo; um da multidão dinâmica, ou tropa apresentada ao exame; outro da multidão estática, ou povo examinador. O soldado vinha limpo, equipado, em grande número garboso. Falta-lhe completar a educação estética do movimento e da forma, em termos de dar prova demonstrativa do vigor da raça em robustez, energia, consciência do valor pessoal, capacidade associativa para executar movimentos de conjunto. Reconhece-se, dentro desse propósito, bastante de já conseguido, muito ainda que é necessário conseguir. Esta mocidade que vemos marchar em 1934 difere consideravelmente da que marchou em 1926, mas está ainda longe de ser o que uma justa ambição nacionalista de cultura deve desejar.

Ora o que resta alcançar não impede de bendizer o já obtido que é alguma cousa acima do que existiu. E como o povo julgador nunca viu melhor, justificava-se que tomasse gosto pelo que lhe mostraram e o manifestasse de qualquer maneira.

Pois, nada. Nem um nadinha de entusiasmo arranhou para lançar aos regimentos que passavam marchando, com a música, os tambores, os clarins, ruído festivo, alegre. Eram rapazes novos, povo como ele que assistia, o que se

CRÓNICA DA QUINZENA

dava em espectáculo à massa compacta que, do Saldanha ao paulito dos Restauradores, enchia as margens por onde correu o caudal.

A sisudez quer dizer aversão pela coisa militar? Não. Quem assistia estava de gosto a deleitar-se com as cores, o movimento, o ritmo material suficiente para compor uma cena vistosa e bela de cortejo, de grande aparato, com numeros diversos de peões, cavalos, carros de forma variada, conjunto mais volumoso e sonoro que o dado em teatro. Entendia-se que pouco animado, explodisse em aplausos, e gritasse e gesticulasse a expandir contentamento.

Nem piu. Manteve-se quieto, em mansidão bovina, na hora de ruminar, sem um mugido, sem uma contração de face.

A quem observou outros latinos em momento igual e presenciou o seu clamor entusiástico, a sua vibração transmissível, sente uma amargura intraduzível ao reconhecer diferença tal na multidão portuguesa. E sobem-lhe ganas de picar, fazer cócegas, dar-lhe a cheirar uma essência hilariante, esternutatória, meter-lhe azogue no corpo, ou o diabo que o obrigue a rir, espirrar, pular, qualquer coisa que de algum modo traduza um estado de vida superior ao amibiano.

O novo regimen, vigente em Portugal há oito anos, já produziu abundante obra que é de agradecer. Mas falta-lhe produzir mais. É entre o que se reconhece em mingua e muito carece de conseguir-se, avulta a necessidade de ensinar o povo a alegrar-se, a expandir satisfação, comunicá-la a estranhos para que também a sintam.

O gaudío transmite-se como um contágio, por imitação que é um jeito próprio do homem e do bugio. O riso, o gesto feliz, a boa disposição são actos sociais. Sem pecha de miolo, ninguém ri, nem expande contentamento quando sozinho. A alegria só aparece e se goza de companhia.

Por isso se repete que é preciso organizar um corpo de geradores de alegria transmissível à multidão portuguesa.

Não é difícil de conseguir. Basta re-

conhecer o defeito e querer remediá-lo.

Entre os propósitos do ano IX falta incluir este que desde já se afiança mais fácil de conseguir que a tropa limpa e encadernada, as estradas asfaltadas, as ruas sem pistoleiros-nem mendigos.

Ao Estado Novo compete, por definição a reforma de hábitos e costumes em todos os ramos de actividade e manifestações de vida. Para chegar ao fim e criar o homem diferente que se espera, de timbre corporativo, social, como se contem no programa, carece de formar gestos, palavras, atitudes, actos, sentimentos originais que venham a compôr o interior e exterior do ser necessário à transformação procurada.

Bons indícios de que somos capazes dessa criação, de que a raça não é incompetente para construir o seu Estado, derivado de si, adaptado a si acharam-se no congresso, tanto na obra realizada, como na sua apresentação. Ali se notou o anseio de fecundidade, a vontade de gerar o que há-de ser e o é por força, quando se persiste em querer. Começou ali o verbo a ter expressão sincera e activa. Pouco se notou o torneio digressivo da retórica e esteve ausente a felonía ao serviço da luta de interesses pessoais. Foi uma novidade consoladora e outra não menor se encontra no Palácio das Exposições do Parque.

Depara-se ali com o primeiro acto de propaganda inteligente e conseqüente que aparece a servir o regime. Aquele é o timbre do trabalho que convem prosseguir. Basta agora que o engenho dos divulgadores saiba levar a amostra à presença de todos os olhos. A encerrar o momento, depois de computar o realizado e o frustrado, o acerto e o erro, o construtivo e dispersivo, os triunfos e as dores sofridas por portugueses que afirmaram o sim e o não, vem a pergunta sumária sobre o acto de 28 de Maio: «Valeu a pena?»

Responda cada um o que a consciência lhe ditar. O cronista vota pela afirmativa. Sim, valeu a pena.

Samuel Maia.



O mosteiro de

que se ergue no
tem 5.200 portas e



G.F.L. Do rei - gravado - do rei João em estado 1755

Do — Magnânimo Rei — padrão eterno
Solene voto a Deus, que o Mundo espanta.

TRES anos passados das bôdas do rei D. João V com a arquiduquesa Maria Ana de Austria, filha do imperador Leopoldo I, encontrando-se, na Sala dos Tudescos do Paço da Ribeira, alguns gentis-homens da Côrte, cavaqueando com o bispo D. Nuno, capelão da Real Câmara, ao lamentar, um desses palacianos, achar-se ainda no trôno, sem sucessão directa, lhe retorquiu Frei António de S. José das Índias: «O nosso soberano terá filhos logo que lhe apraza. Prometa êle a Deus, um convento na vila de Mafra, que o céu lhe concederá essa graça».

Sabedor o monarca, de tão profética objeção, logo fez voto de fundar, no referido lugar, um convento, em honra de Santo António, para comodo de treze religiosos da Província da Arrabida — numero êste, alusivo aos dias em que a Igreja dá culto especial a êsse Beato lisbonense —, caso a Divina Providencia lhe concedesse a ventura de um herdeiro.

Não se enganou, por modos, frei António das Índias, porquanto, semanas corridas após, anunciava o físico-mór do paço, estar a soberana no seu estado interessante; e, a 4 de Dezembro de 1711, se alegrava já o povo de Lisboa, com o festivo repicar dos sinos, o estrondar da artilharia e as descargas dos

rainha. Desde então, jámais aquela augusta senhora, deixou de ser fecunda nos seus frutos. Assim, em 1712, nasceu o principe D. Pedro; em 1714, o principe D. José, que foi rei, sucedendo a seu pai; em 1716, o infante D. Carlos; em 1717, o infante D. Pedro, casado, mais tarde, com a sua sobrinha a rainha D. Maria I; e, em 1723, o infante D. Alexandre. E, tanto a êstes filhos do seu matrimónio, como aos dois bastardos que existiram — um, sagrado bispo de Braga; outro, eleito Inquisidor Geral — deu el-Rei, em louvor do milagroso santo, o sobrenome de António.

Varias circunstancias, e, entre elas, as continuas disputas bélicas, com Felipe V, concorreram para que, só mais tarde, D. João V, podesse cumprir a sua promessa, indo, então ao Paço de Cintra, em que, com sua familia, estava passando a calma de verão, até Mafra, para aí eleger o local onde, com muito maior vastidão do que ao principio concebera se devia erigir o prometido convento.

Ficou determinado, com os mestres de pedraria e o architector da traça, desvaster-se um dilatado cabeço, sito num lugar da referida vila, chamado Vêla, para depois, em chão planificado, fazerem-se as fundações do projectado edificio. Foi ao iniciar-se êsse trabalho, que se deu um prodigioso caso que muito veio regosijar o Fidelissimo Rei e que, nesse tempo, assim foi relatado: «Estando os trabalhadores a abrir a terra

dos fundamentos, para se levantar o mosteiro de Mafra, achou um dêles, uma imagem do precioso Santo António, como se já, êste Taumaturgo, tivesse, de antemão, destinado aquele excelente lugar, para Templo e Casa sua, do que Sua Magestade lhe mandasse abrir os alicerces, como se indicou depois, em uma lápide».

Concluidos no terreno, os caboucos do edificio, e empavezada tôda a vila, de vistosos galhardetes, recebeu o Padre Provincial de Santa Maria, com séde provisória em Mafra, a seguinte carta patriarcal:

«Amanhã, quarta-feira, que se hão-de contar 17 do corrente, havemos de benzer a primeira pedra a Igreja que El-Rei, meu Senhor, manda fundar nesta vila, para a dedicar a Santo António, com convento que também manda erigir; e porque para esta função, havemos de ir processionalmente, e se Vossa Reverendíssima, e os seus religiosos desejam assistir, participo a Vossa Reverendíssima esta notícia, para que, oito horas da manhã, com a sua Cruz, se a tiverem, se achem em suas casas que estão preparadas, para delas sairmos em procissão, para o sítio em que se há-de fundar a nova Igreja. Nesta freguesia há Cruz competente, que está pronta na mesma casa. Deus guarde Vossa Reverendíssima, terça-feira».

«Tomaz I, Cardial Patriarca de Lisboa».

Na aprazada hora desse festivo dia, veio el-rei, vestido de uma rica veste de côr roxa, bordada a oiro e recamada de diamantes, acompanhado de tôda a côrte, igualmente brilhante, não só na diversidade das galas e dos indumentos, assim como, nos ricos jaezes dos cavalos em que todos vinham montados, sendo êste aparato acompanhado, escoltado por fileiras da guarda alemã, e precedido de uma luzida tropa de cavalos, marchando à cadência, ora, da harmonia das charamelas, ora, da estridência dos clarins.

Logo que el-Rei se apeou do seu magnifico cavallo, se começou a mover a procissão.

A sua testa, vinha a Comunidade dos Religiosos Arrabidos, composta de sessenta e quatro recoletos, seguida do clero da terra, que leva, junto, a Cruz Patriarcal, vestidos com suas opas roxas, transportando, dois dêles, em suas mãos, umas insignias de prata; seguiam-se a estes, os músicos e capelães, com sobrepelizes, e continuando, por sua ordem, os mais de côro, como sejam: acólitos, patriar-

NACIONAL

Santo António

vila de Mafra janelas e 886 salas

cais, sub-diaconos, capelães, de capa magna, com capêlos de arminho, beneficiados, e outros capelães, revestidos de pluviais. Depois esta grande multidão, se seguiam os cônegos, com pluviais de tela branca e mitras bordadas e guarnecidas de pedras preciosas; diante de cada um dêles, iam os seus criados nobres, e atrás, sustentando-lhes as caudas, os seus caudatários, vestindo sobrepelizes por cima do seu hábito patriarcal. No final, sob o baldaquino, ia sua eminência o Patriarca, com preciosos paramentos pontificais, e uma mitra de maior custo, caminhando com baculo pastoral na mão, indo imediatos, capa magna; incorporando-se, na cauda el-Rei, seguido dos príncipes, do juiz da comarca, dos vereadores da Câmara, do corregedor da província e de numeroso povo.

Depois da procissão ter dado entrada no improvisado templo, veio el-Rei, acompanhado do patriarca, até junto do local onde se ia colocar a primeira pedra do grande edifício encontrando-se já aí, para êsse fim, um banco coberto de veludo carmezim, tendo em cima um balde de prata, cheio de água, duas vassouras de urze verde, com cabos guarnecidos de sêda encarnada e canotilho prateado, e uma colher de pedreiro com cabo de prata.

Lançou, um dos principais mestres da obra, uma pazada de cal, no local onde se havia de assentar a pedra fundamental, e logo, el-Rei, pegando em uma das vassouras, lhe lançou água em cima, e, com a colher, estendeu a cal acomodando-se, a seguir, a dita pedra, foi colocada ao alto, na sua cabeceira, uma lápide de mármore, de dois palmos e meio de comprimento por dois de largo, onde se esculpia a seguinte inscrição:

*Deo Optimo, Maximo
Divo — que Antonio Lusitano.
Templum hoc dicatum
Joannes V. Lusitanorum Rex.
Voti compos ob susceptos Liberas,
Primum — que fundavit Lapidem.
Thomas I. Patriarcha Olysip, Occidentalis
Solemní vitu
Benedixit imposuit — que
Anno Domini M.DCC XVII.
Decimo quinto Kalendis Decembris*

Igualmente se colocou aí, uma urna de jaspe, muito lavrada, com a tampa em meia laranja, dentro da qual se encerrou um cofre dourado, de prata, contendo, além da escritura, feita em pergaminho, pela qual, el-Rei D. João V,

*O Mosteiro de Mafra
visto de avião*

se obrigava, por voto, a erigir o mosteiro a Santo António, um outro documento, em que se dava notícia de aquele que benzeu a cruz erecta na Igreja e a primeira pedra que nela se lançou, assim como também, duas cápsulas de cristal, cheias dos Santos Óleos, e duas pequenas caixas de prata, sôbre douradas, de admirável lavôr, uma, guardando um Agnus Dei do Papa Inocência XI, e a

outra, um Agnus Dei do Sumo Pontífice Clemente XI, então presidindo na Cúria Romana.

Foi também nêsse côfre, que se colocaram doze medalhas do tamanho duma hostia sagrada, sendo quatro de ouro, quatro de prata e quatro de cobre.

Uma medalha de cada, dos diferentes metais, tinha numa das faces, aberta a buril, a figura de D. João V, de joelhos e mãos postas, diante dum altar em que entre nuvens se via a imagem de Santo António, além da seguinte inscrição: «In Cœlis regnat, invocatur in patria;» e na outra face, que tinha gravado o sumptuoso templo, lia-se também: «Divo Antonio Ulyssiponensi dicatum Joannes V. Portugaliæ Rex mandavit. Mafra 1717.»

Das outras três séries, uma tinha gravadas: a figura de D. João V e sua mulher, a rainha D. Maria Ana de Austria; a outra, o do Sumo Pontífice Clemente XI, e a última, dum lado a do patriarcha, e a inscrição: Thomas I. Patriarcha Ulyssiponensis Occidentalis, e no reverso, Sancti Antonii Ulyssiponensis templum à Joanne V. Portugaliæ Rege designatum lapidem in signum posuit. Anno Dom. M.D.CC.XVII.

Dezoito anos depois, festejava-se, ruidosamente, a conclusão do portentoso mosteiro que um rei português, magnífico e artista, fez executar, a três léguas da amêna Cintra, a cinco, da famosa Lisboa, e a 224 metros do nível do mar, que dêle se avisinha, — com a extrema sumptuosidade e grandeza que hoje admi-

ramos. O plano dessa obra, em estilo italiano clássico, foi delineada pelo architecto Frederico Ludovici, alemão de nação, natural de Hala, no Círculo de Suevia, e, da direcção dos diversos trabalhos respeitantes à sua feitura, fôram incumbidos: Carlos Gravo, dos de canteiro; Custódio Vieira, dos de mecânica; e dos de escultura Alexandre Giusti, célebre estatuariário romano, mestre do nosso notabilíssimo Machado de Castro.

O corpo principal dêsse enorme edifício, tão deleitosamente abeirado de viçosos prados, viridentes outeiros florida cêrca e frondante tapada, mede 232 metros de extensão, e tem, ao centro, a maravilhosa Basílica, coroada por duas elegantes tôrres e um soberbo zimbório disfrutador de dilatados horizontes sôbre o mar e sôbre a terra, e, nos ângulos, ostenta dois enormes torreões que, parcialmente, davam residência ao Rei e à Rainha. Os corpos laterais, eram ocupados pelo convento, no qual se acomodava uma comunidade, não de treze, como de princípio se concebera, mas sim de tresentos frades.

Para se avaliar da grandeza desta edifício, sem contestação, o maior de Portugal, bastará dizer-se que conta 5.200 portas e janelas, e 886 salas, tendo chegado a trabalhar na sua construção, 4.500 operarios, vigiados por 7.000 soldados, infantes e de cavallo.

A magnificente Basílica, que além de, a Santo António de Lisboa, foi dedicada á Virgem Maria, é, como a do Escorial, em Espanha, das obras sacras mais dignas de serem admiradas. Nela, tudo respira riqueza, pompa e magestade. Os bronzes, as estátuas, as talhas, os orgãos, tudo, enfim, tem o maior engenho, e o mais mimoso gôsto; e toda a pedraria de variadas côres, que a adorna, e causa inveja aos mais famosos mármores de Paros, Esparta e Numedia, e aos mais finos alabastros do Egipto, Lidia e Italia, foi, então, descoberta e extraída das entranhas da terra, nos saudáveis logares de Montelavar e Pero Pinheiro.

É nos seus dois altivos campanários, que se admiram uns dos melhores carrilhões do mundo; mandados fundir, no

(Lêr continuação na pág. 36.)





Teixeira Cabral

A arte da caricatura pessoal e um dos seus mais modernos representantes

A caricatura pessoal é, entre as artes plásticas, a que se requiere do artista maior número de qualidades.

Não pode tentá-la com êxito quem não possuir dons de observação apurados e sentido profundo da ironia. E muito menos quem fôr desprovido dessa sútil intuição psicológica que permite ao artista revelar a essência íntima do espírito e da sensibilidade dos seus modêlos.

Há ainda outra qualidade indispensável ao caricaturista — a irreverência. Mal avisado andaria quem se aventurasse em tão difícil modalidade artística sem ser animado por um sincero e nobre sentimento de rebeldia.

Teixeira Cabral, que expôs recentemente alguns dos seus trabalhos na Galeria de Arte da rua Serpa Pinto, possui em alto grau todas essas qualidades. E por isso triunfou.

O público conhece e admira Teixeira Cabral por intermédio da sua obra dispersa na Imprensa diária. Por nossa parte, conhecêmo-lo quasi desde o dia em que iniciou a sua carreira artística. Acompanhámos de perto, a sua evolução acolhendo com satisfação os seus êxitos. E desde o primeiro momento que lhe augurámos um futuro brilhante no meio escasso dos caricaturistas portugueses.

Esta convicção baseava-se, principalmente, no conhecimento do seu espírito irreverente. Num meio avêso a consagrações como é o nosso, Teixeira Cabral soube conquistar uma verdadeira celebridade como *blagueur*. Algumas das suas *boutades* circulam por aí, contadas como aneddotas. Em todas elas se revela o seu espírito malicioso sem ser sarcástico, irónico sem ser cruel.

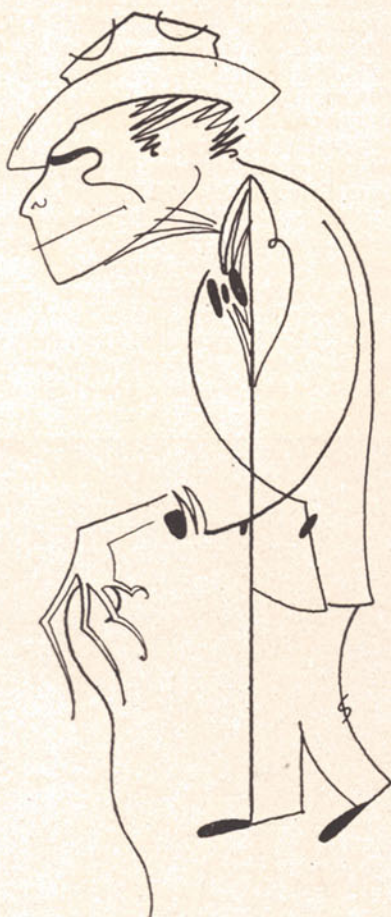
Junte-se a esta virtude, preciosa num caricaturista, um talento verdadeiro, original e forte. Teixeira Cabral criou um estilo pessoal. O seu traço é inconfundível e, por isso mesmo, imitado. Artista moderno na melhor acepção do termo tem a paixão da síntese. Omite tudo quanto é acessório para nos dar apenas o essencial. Algumas das suas caricaturas são feitas quasi dum só traço. Dêle se pode dizer

que é um artista possesso do demónio da simplicidade.

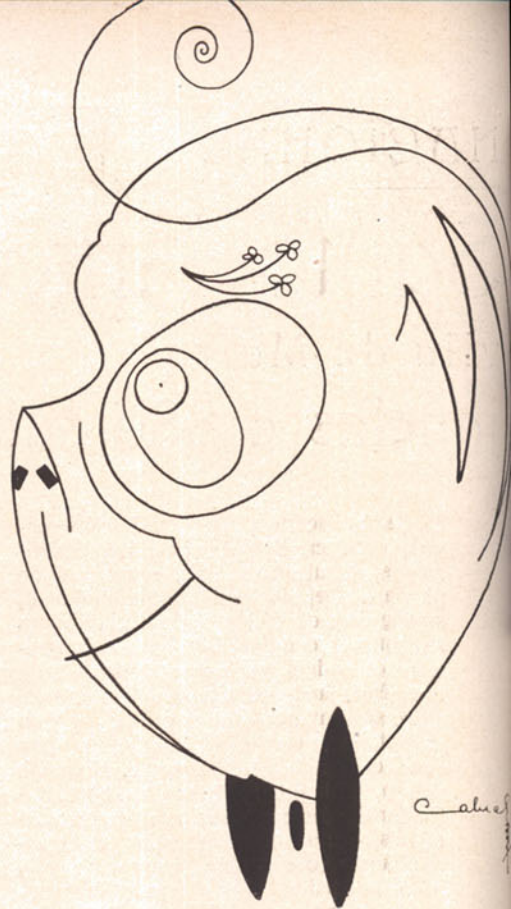
Entre os trinta e sete trabalhos que figuraram na exposição acima referida, há alguns que são verdadeiras obras primas de síntese. É o caso das caricaturas de Teixeira de Pascoais, Eugénio de Castro, Victorino Nemésio, Fernando Branco e outros. Servindo-se dos meios mais simples, o artista atinge a plenitude da expressão.

Figurou entre as caricaturas expostas, uma que merece ser salientada. Referimo-nos á do dr. Brito Camacho, cuja impecável execução revela um sentido apreciável da decoração.

Teixeira Cabral anunciou no catálogo que esta exposição representava o prólogo



Dr. Teixeira de Pascoais



Dr. Eugénio de Castro

de outra a realizar no Outono. Tomou assim, perante o público, o compromisso de exhibir dentro de poucos meses novos trabalhos. Oxalá o cumpra para satisfação dos seus admiradores e maior prestígio da sua arte.

Não queremos terminar sem referir um episódio que chegou ao nosso conhecimento e que define o elevado poder de expressão que Teixeira Cabral sabe concentrar na sua pena.

O caso passou-se, mais ou menos, do modo seguinte: Garcia Sanchez, o inimitável criador das "charlas", de passagem em Lisboa manifestou desejo de conhecer Teixeira Cabral. Um amigo prontificou-se a fazer a apresentação e a pedido do visitante o caricaturista mostrou-lhe alguns dos seus trabalhos. Tratando-se dum estrangeiro, compreende-se bem que quasi todos os caricaturados lhe eram desconhecidos. Pois, apesar disso, ao deparar com a caricatura de Francis, Garcia Sanchez teve êste comentário:

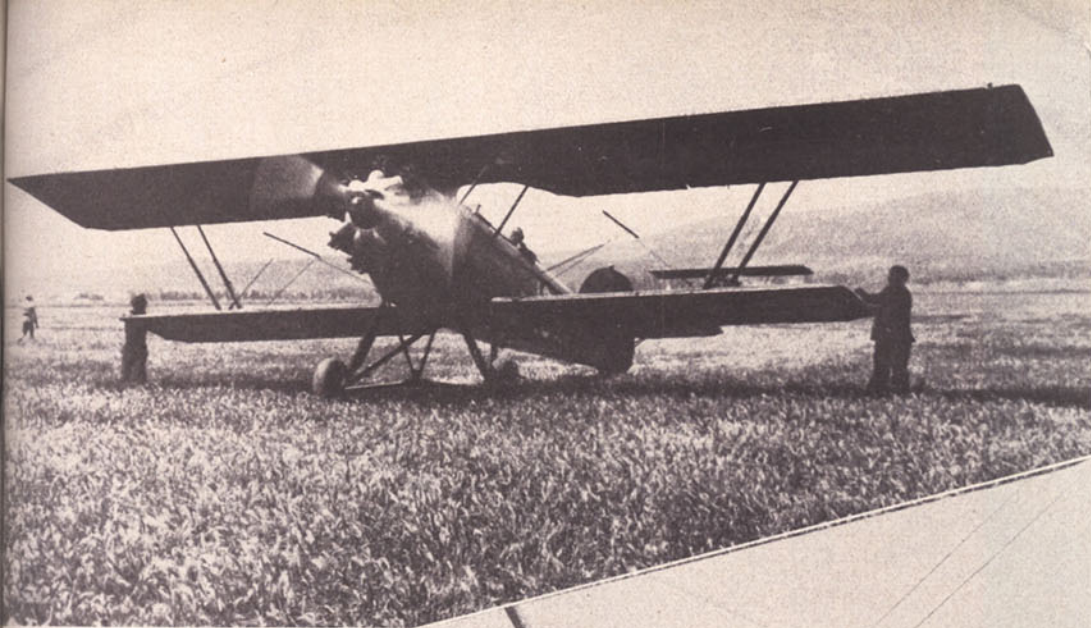
— Mas... êste homem é bailarino!

Adivinhára. E porquê? Nada há nesta caricatura que revele directamente o facto e contudo êle resalta evidente do desenho que é um prodígio de síntese.

Está nisso o segredo da arte de Teixeira Cabral, segredo que todos os que conhecem a sua obra compreendem, mas que seria difícil explicar.

Manuel L. Rodrigues.

O regresso da esquadilha de Alverca que foi a Marrocos e a Espanha

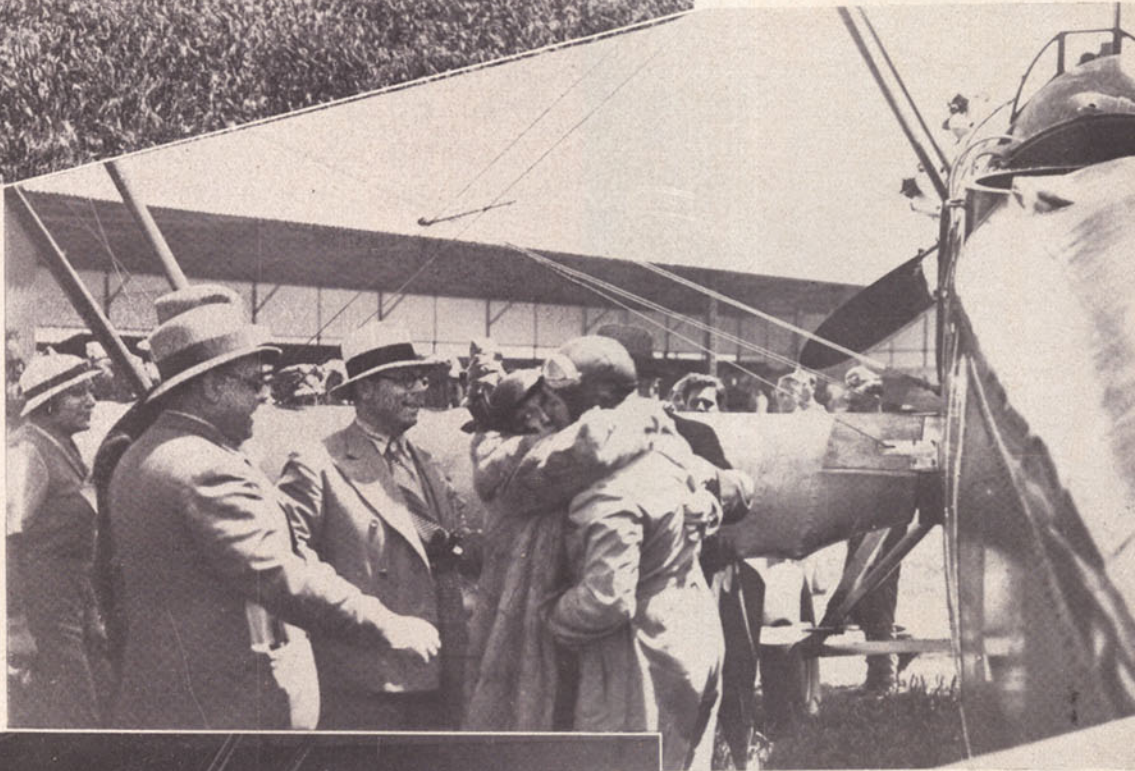


REGRESSARAM no dia 21 do mês passado ao aerodromo de Alverca os cinco aviões «Potez» que realizaram a viagem de treino a Espanha e Marrocos, tendo part do no dia 8. A saída de Madrid — última etapa da viagem — efectuou-se do aerodromo de Getafe às 9 e 50 e às 12 e 35 aterrava o primeiro avião, que foi o «Azemor» tripulado pelo comandante Pinheiro Correia e tenente Humberto da Cruz. A seguir rodaram os restantes aparelhos: o «Ceuta» pilotado pelo tenente Baltazar e mecão co Diniz, o «Casa Branca» tripulado pelo tenente Melo Rodrigues e capitão Tadeu, o «Mazagão» tripulado pelo capitão Sergio da Silva e pelo sargento-ajudante Arnaldo Araujo, e o «Cafim» n.º 9, tripulado pelo tenente Ciriaco Cardoso e mecânico sargento Lobo.

Uma salva de palmas resoou, coroando o êxito dos aviadores.

O major-aviador Pinheiro Correia, logo que saltou do aparelho, fez as seguintes declarações:

— Tudo muito bem. O programa militar



cumpriu-se integralmente. E é o que nos interessa. Não se trata de coisa alguma importante; foi uma missão naturalíssima de aviadores militares. Fizemos uma viagem de aviação e treino, de estudo e de observação, e também — é claro — de propaganda da aviação e do nome português em terras de Marrocos, tão nossas conhecidas. Estamos encantados. Franceses e espanhóis foram comosmo de extraordinária gentileza, mas não podemos esquecer os carinhos da gente portuguesa que vive, dispersa, em terras de Marrocos. O que nos foi dispensado em honras e carinhos em Sevilha, e agora em Madrid, calou-nos no coração.

E acrescentou:

— Só aquele dia de Mequinez para Tetuão é que foi — trágico Trágico, não... vamos. Foi sério... Admiraram-se de como conseguimos chegar. E chegamos com disciplina e moral. Demorámo-nos na viagem mais dois dias, além do previsto, a pedido da colonia de Casa Branca e por motivo da tempestade que nos levou a Tetuão. Como oficial português venho encantado; como comandante venho satisfeito com os meus queridos camaradas e com os dedicados mecânicos.

AO ALTO: O «Azemor» ao aterrar — AO CENTRO: O comandante da esquadilha, major-aviador Pinheiro Correia, ao ser abraçado por sua esposa — EM CIMA: A tripulação dos cinco aparelhos — EM BAIXO: O comandante da esquadilha agradecendo, num banquete em Casablanca, as referências elogiosas feitas a aviação portuguesa e a Portugal





EM CIMA: A representante madrileña no dia da sua eleição.—AO LADO: Miss Madrid conversando com um jornalista.—EM BAIXO: Amelia Sanchez Ortega é uma fervorosa pianista

MADRID elegeu a sua «miss» para concorrer ao título de «miss» Espanha. Depois duma rigorosa selecção, feita por um júri composto de representantes das artes, do jornalismo e das letras, o título de «miss» Madrid foi concedido a Amélia Sanchez Ortega—vinte anos cheios de mocidade e de beleza. Tem um metro e sessenta e seis de altura, cinquenta e cinco quilos de peso, setenta e três centímetros de cintura, oitenta e sete de ancas e trinta e um de pescoço. O cabelo é castanho escuro, olhos negros e pele morena. Entrevistada pelos jornalistas afir-

O CONCURSO DE BELEZA EM ESPANHA

Amelia Sanchez Ortega

foi eleita

“miss” Madrid 1934



mou que deseja ser artista de cinema. É o seu sonho. Pelas declarações que fez vê-se que se trata duma sentimental, duma romântica. Não tem noivo, nem nisso pensou ainda. Nunca julgou ser eleita. Se se apresentou ao júri foi unicamente levada pela ideia do cinema. Acrescentou:

—Que melhor certificado poderei apresentar do que ter sido rainha de beleza? De cem raparigas que têm o meu sonho, noventa e nove são obrigadas a desistir. Foi essa a única ideia que me levou a concorrer...

Os jornais espanhóis dizem que Amélia Sanchez Ortega possui os olhos maiores de Madrid e o sorriso mais luminoso de Espanha.

O jornal «Ahora» e a revista «Estampa» tomaram a seu cargo o concurso. Realmente o povo madrileño associou-se à eleição e tem comprado avidamente os jornais e concorreu aos salões onde se fez a reunião. A nova «miss» Madrid foi escolhida entre 147 concorrentes. O júri, que era presidido pelo sr. Pedro Rico, alcaide de Madrid, compunha-se dos srs. Mariano Benlluire, Eduardo Zamacois, Afonso Hernández-Catá, José Francés, Elias Salaverría, Salvador Bartolozzi, Júlio Moisés, Emiliano Barral e Igmécio Balanzat Torrontegui. Houve cinco eliminatórias e a eleição de Amélia Sanchez Ortega fez-se por maioria de votos, depois duma escrupulosa escolha entre as 40 últimas apuradas.

REUNIU EM LISBOA o I Congresso das Juventudes Catolicas Femininas



O sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, tendo á direita o sr. bispo de Madrid - Alcalá, que veiu a Lisboa, propositadamente, assistir á abertura do Congresso

Aspecto da assistência, á sessão inaugural, durante o discurso - tese "Razão do Congresso - fazer viver a Acção Católica", da sr.ª D. Maria Amélia de Lemos Santos, presidente nacional da Juventude Católica Feminina



O sr. Cardeal Patriarcha, acompanhado de alguns prelados, visitando um dos mais interessantes "stands", da Exposição dos trabalhos



A mesa que presidiu á sessão inaugural: á direita do sr. Cardeal Patriarcha vêm-se os srs. bispos de Madrid e Algarve e á esquerda os srs. arcebispos de Evora, de Mililene e bispo de Beja



À Festa da Gente do Mar no Estoril

O Parque Estoril voltou a animar-se na noite de 20 do mês passado. Resultou brilhantíssima a evocação de «A Volta do Círio» em que tomaram parte ranchos de marítimos, especializando-se o «Rancho de Estarreja» e o «Rancho da Borda de Agua». O cortejo, com o seu barco de promessas, lindamente ornamentado pelo consagrado artista Augusto Pina, e os ranchos com as suas dansas e cantos, marcaram bem a fama das festas organizadas pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol. Os terraços do Casino e o Parque estavam apinhados de povo. Foi queimado um fogo de artifício — nota culminante do encerro do festival. O Estoril vem batendo o *récord* dos fogos, quer pela quantidade, quer pela qualidade e novidade.

Os estrangeiros que assistiram à reconstituição do tocante, mas animado costume da nossa gente do mar, aplaudiram com entusiasmo, principalmente, a passagem do barco de pesca, que era arrastado por juntas de bois e ladeado por marítimos empunhando archotes e entoando canções regionais.



A Exposição Colonial do Pôrto

e a representação das províncias de Moçambique e Timor

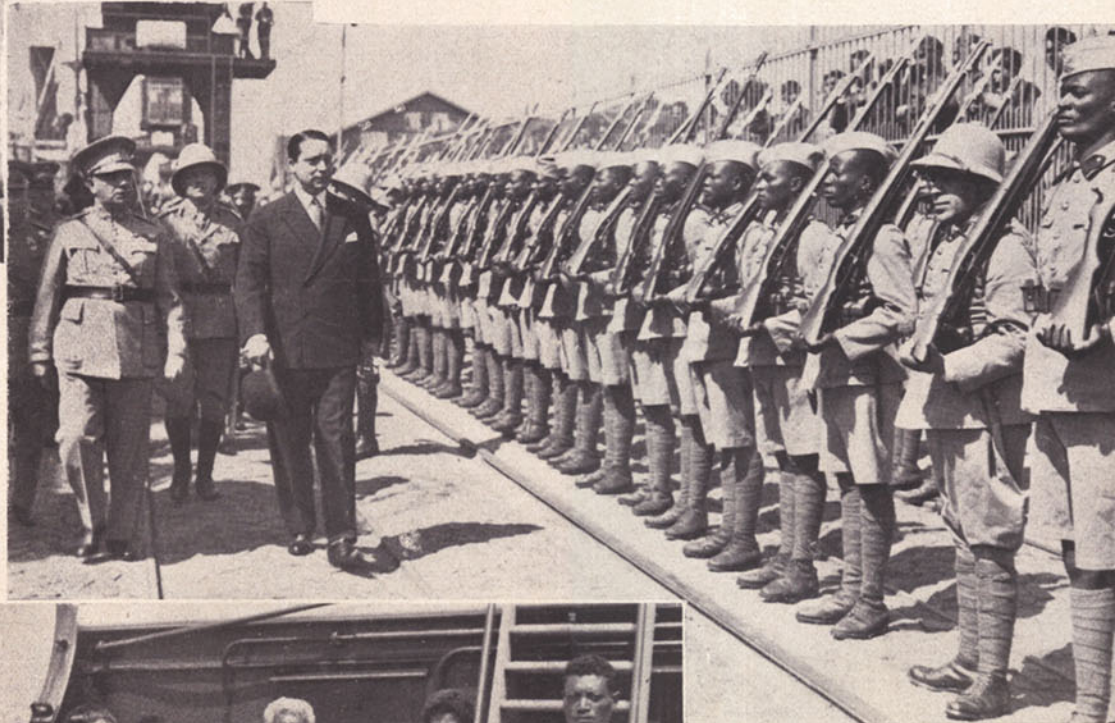
A caminho do Pôrto, onde, em meados deste mês, será inaugurada a I Exposição Colonial Portuguesa, passaram em Lisboa na última quinzena, a 5.^a Companhia de Infantaria Indígena de Moçambique, com o seu terno de corneteiros e tambores, e a banda da 1.^a Companhia Indígena de Angola e a embaixada de Timor. Os landins—altos, fortes, irreprensivelmente fardados de cotim amarelo, calções e grevas, barrete de bivaque, desembarcaram na melhor ordem. O sr. ministro das colónias esperava-os no cais. Passaram, na sua frente em continência. O sr. dr. Armindo Monteiro elogiou os seus comandantes pelo garbo e precisão com que se apresentaram os simpáticos soldados. Acompanha a Companhia Indígena um pretinho de 8 anos, uniformizado a rigor. É a *mascoite*. O seu nome é *Sabonete*. A fôrça é composta de 3 poletões num total de 104 homens. Tem como comandante o sr. capitão Silva Carvalho e como oficiais os srs. tenentes A. Teixeira, Spencer e Bastos Horta. Chefe da banda é o sr. ca-



EM CIMA: A 5.^a Companhia de Infantaria Indígena de Moçambique, saindo de bordo ao «João Bello»

AO LADO: O sr. ministro das colónias, acompanhado do sr. general Daniel de Sousa, governador militar de Lisboa, passando revista a fôrça indígena

EM BAIXO: Os dois régulos de Baucau e de Manufal, com a sua comitiva, que vieram de Timor



pitão Tomaz Jorge. A embaixada timorense é de quatro homens e três mulheres, superiormente chefiados por dois régulos, que são tenentes-coroneis, embora vistam à paisana. São antigos guerreiros. Um deles chama-se Nai Sesso, é chefe do Sulo e tem como apelido o nome de Côte-Real. Veiu com mulher, filho e duas criadas. O outro, viaja só com um sobrinho e uma ordenança. Todos se mostram encantados com a viagem a Portugal continental. Estranham o clima, mas lá seguiram para o Pôrto onde vão «figurar» na próxima Exposição Colonial...



Frederico Burnay



CERTEMEN

A Exposição Triunfal

à qual concorreram cêrca de
MOSTRA BEM O ESFÔRÇO DE

Cêrca de dez mil troféus reúne a Exposição Triunfal do Desporto, feliz iniciativa do jornal «O Seculo». Basta este número para se avaliar do seu valor. Todos quantos se dedicam, ou se dedicaram à prática, seja de que desporto for, por ali tem passado. É um certame grandioso e que fala por si. Descrevê-lo é impossível. Não se limita essa Exposição a uma simples exibição de Taças e outros prémios, ganhos em pugnas desportivas. Serve para criar entusiasmo entre a mocidade portuguesa pela cultura física.

Façamos um resumo da Exposição: Na primeira sala estão os troféus do hipismo e automobilismo. Entre aqueles figuram duas ricas Taças de Ouro da Península, ganhas em Espanha, pelos cavaleiros portugueses. A seguir estão representados os clubes do Porto, como o Académico Football Clube, que além

GRANDIOSO

dos Trofeus Desportivos

quinhentas associações e atletas
MILHARES DE INDIVÍDUOS

Seguem-se a sala do Exército, com mais de uma centena de troféus, taças e medalhas de vários regimentos e estabelecimentos militares e da guarnição militar de Lisboa; de esgrima, com planolias e figuras de bronze, armas, taças e retratos dos mestres António Martins, Veiga Ventura e Carlos Goçalves; e a dos clubes da provincia, onde avultam os belos «stand» do Conimbricense, do Figueirense e do Vitória de Setubal.

A sala oito, do Club dos Caçadores, é das mais ricas e abundantes. Centenas de taças e de medalhas; bronzes, animais embalsamados, diplomas, etc. De relêvo, a espingarda com que Alexandre Herculano andou nas lutas liberais; dois trabucos do século xii; uma espingarda de pedrneira, e outra de carregar pela boca, que pertenceu ao Morgado das Alcaçovas. Segue-se a sala de tiro, onde



EM CIMA: «Iteus» dos trofeus ganhos pelo Clube de Football «Os Belenenses» ocupam quasi uma sala



EM CIMA: «A taça mais antiga que esta na Exposição. Foi ganha, numa regata, em 1854, por Frederico Guilherme Burnay

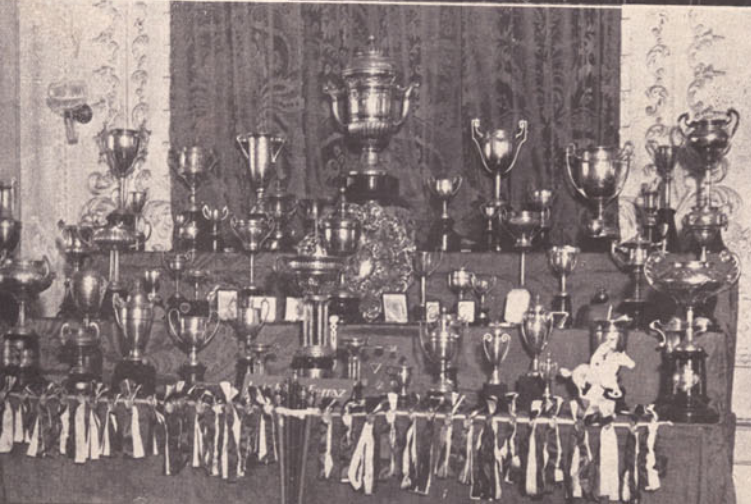
AO LADO: Parte do «stand» do Sporting Clube de Portugal, que apresenta algumas centenas de taças nacionais, entre as quais a grande Taça de Prata da Real da Póvoa

EM BAIXO: As taças, objectos de arte e laços, unicamente ganhos, em provas hípticas nacionais e estrangeiras, pelo capitão Ivoa Ferraz



AO LADO: O popular Sport Lisboa e Benfica, que desde a sua fundação em 1904 tem tido uma vida de constantes triunfos, e um dos clubes que maior numero de taças apresenta

EM BAIXO: O «stand» dos caçadores e dos mais ricos e abundantes em medalhas, taças e objectos de arte



disso apresenta o melhor gráfico da exposição; o Football Clube do Porto, com a sua taça grande «Académico»; o antigo e glorioso Clube Fluvial Portuense; o Boavista Football Clube; o Sport Clube do Porto, que tem grandes taças. Em «football», atletismo, natação, vela, «rêmo» «tennis», «hockey», etc. é notável a representação nortenha.

Noutra sala veem-se os troféus das três gerações da família Burnay, entre os quais a mais antiga taça da Exposição ganha em 1854, numa regata, por Frederico Guilherme Burnay, e ainda a raquete com que Guilherme Pinto Basto ganhou o primeiro campeonato de «tennis» em 1882. E há a seguir, uma nota de saudade: o «stand» do famoso campeão de tiro, dr. António Martins.

Na terceira sala, o Sporting Clube de Portugal expõe centenas de troféus, da séde e de todas as filiais.

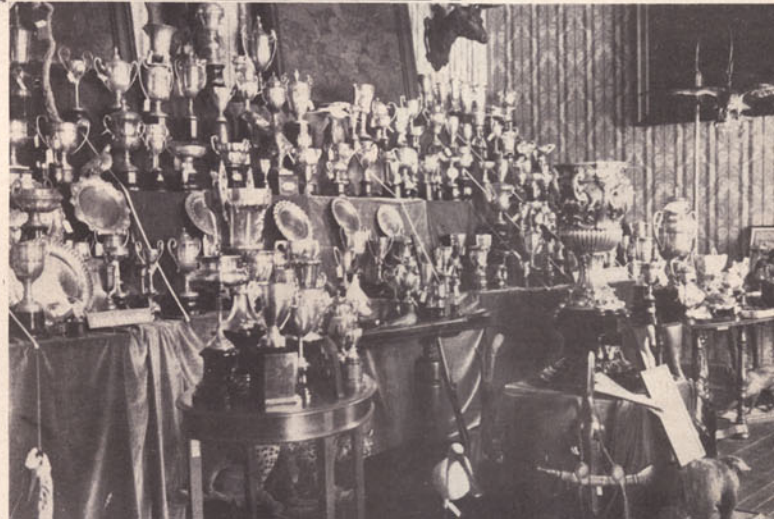
Noutra sala expõem vários ciclistas, União Velocípica Portuguesa e a Sociedade Columbofila, cujo «stand» tem um alto interesse.

expõem lindos troféus os nossos mais categorizados atiradores e campeões internacionais.

A sala 10 é a dos clubes de Lisboa. Particularmente notável, pela quantidade e qualidade dos troféus, das taças, das medalhas, dos gráficos e das fotografias, é o «stand» do Football Clube «Os Belenenses», campeão de várias épocas de Lisboa e de Portugal. São interessantes e valiosos os troféus do Casa Pia Atlético Clube; simpático o «stand» dos Vendedores de Jornais; e importante o da Associação de Football de Lisboa.

Na penúltima sala é brilhante a representação do prestimoso Ginásio Clube Português, do Sport Algés e Dafundo, que tem uma reprodução do seu estádio, em relêvo; do Club Náutico de Portugal, da velha e gloriosa Associação Naval de Lisboa, etc.

A última sala é a do Sport Lisboa e Benfica, onde se contam por milhares as medalhas, por centenas as taças e troféus; e que apresenta gráficos expressivos da sua notável acção em favor do desporto português.





Mrs. Robinson (Perdita)
(Quadro de Romney)

OS ARTISTAS e A MULHER

a mulher tem sido sempre na pintura o mais belo modelo e mulheres fizeram a glória de Leonardo da Vinci, de Correggio, de Signorelli, de Palma Teichio, de Guido Reni, de Vizcano de Tintoretto e Véranese, de Tiepolo, de Carlos Dolci, de Rembrandt, de Van Dyck, de Hoblin e de todos os pintores célebres até ao dia de hoje. Mas entre os pintores da mulher, temos de destacar os pintores ingleses do século XVIII que como nenhuns outros souberam nos seus quadros dar todo o realce e o encanto das mulheres do seu país. A sua delicada beleza de cores suaves e de suprema distinção. A mulher inglesa do século XVIII, essa época de graça e de requinte teve nos seus pintores, os verdadeiros perpetuadores da sua inigualável finura. Romney, Reynolds e Gainsborough essa trindade de artistas a que a beleza feminina tanto deve, deixou-nos perpetuadas as mais lindas figuras de mulher dessa época. E entre essas temos de destacar uma mulher, que foi, se não a mais bela do seu tempo, porque as suas feições não têm talvez a perfeição clássica, pelo menos a mulher mais elegante, aquela que inspirou mais paixões e que mais célebre se tornou, pela sua requintada "coquetterie", rodeada e escondida por uma inigualável distinção e graça. Essa mulher foi Mrs. Robinson



Mrs. Robinson (Perdita)
(Quadro de Gainsborough)

NADA ha para inspirar um artista, como a beleza feminina. Esta é a maior homenagem que a formosura, a elegância e o encanto da mulher podem receber.

Podem os filósofos desdenhar da mulher, podem os desiludidos dizer que a mulher não tem inteligência, não tem coração, não tem alma. Tudo isso são frases e a mulher quando mais não seja do que como uma obra prima da Providência triunfa sempre pela sua beleza. Os filósofos e os desiludidos que se esquecem de que tiveram mãe, são desmentidos nas suas teorias pela existência de madame Curie, de madame de Staël, da marquesa de Sevigné, por milhares de mulheres que vivem numa dedicação absoluta de todo o seu ser aos que lhe são queridos e por outras tantas religiosas que para a alma e pela alma dedicam toda a sua existência á consolação dos que sofrem, sem esperar remuneração neste mundo que se internam em África como missionárias dedicando toda a sua energia a tratar, a ensinar, a civilizar os selvagens e os ignorantes. Os poetas têm-se inspirado nela para fazer as suas melhores obras de arte. Os prosadores devem-lhe as suas melhores páginas e se Beatriz não existisse perdiam-se os melhores versos de amor de Dante, se Laura não fôsse encantadora Petarca não nos deixaria a maravilhosa herança das suas poesias, se Natercia não fôsse bela Camões não escreveria tão delicados versos. Mas se a mulher tem sido a inspiradora dos artistas da pena, o que temos de dizer da inspiração dos artistas do cinzel ou do pincel.

Os escultores reproduzindo as fôrmas perfeitas dos seus modelos immortalisaram-se, desde o tempo de Praxiteles até aos nossos dias. Miguel Angelo, Bernini, Donatello Canova, Rodin tiveram na beleza feminina os seus melhores modelos.

Nas composições mais belas dos artistas de sempre a figura da mulher tem um papel de destaque. Desde os primitivos com as suas admiráveis virgens, ao pintores de hoje passando pela Renascença



Mrs. Robinson (Perdita)
(Quadro de Reynolds)

(Perdita) aquela que apaixonou reis e poetas, inspiradora das mais belas páginas e modelos dos melhores pintores.

A sua beleza irradia ainda hoje na Wallace Collection em Londres, onde existem quadros dos seus três pintores, Romney fixou-o com um gracioso chapelinho, as mãos no regalo, com um olhar atento e uma expressão de interessada "coquetterie". Há na sua cara qualquer coisa que nos diz, "vejam como eu sou bela e como têm razão os meus adoradores". O pincel vigoroso de Romney deu-lhe toda a expressão toda a força da sua beleza desabrochada. Reynolds o delicado pintor deixou-nos dela um perfil enigmático em que adivinhámos o seu carácter de caprichosa, recorta-se num fundo de mar, que ela, sonhadora, contempla, talvez menos desigual do que o seu coração de mulher bonita. E toda a leveza e toda a graça dos pinceis de Reynolds toda a sua arte delicada perpassa no seu retrato. Mas quem a representou em todo o seu esplendor foi Gainsborough, o pintor aristocrata. Sobre um fundo de verde, paisagem, do colorido suave e doce duma paisagem inglesa, destaca-se o seu vulto de rainha no coração dum rei.

Toda vestida de branco, a cabeça empoadada só o seu rosto e os seus finos pés calçados de setim preto, sobressaem dessa sinfonia branca, que é uma das mais belas que tenho visto, a leveza das cambrais, o setim dos laços, o pelo branco do seu lúliú, o seu cão preferido, são dum magistral pintor que como nenhum outro soube marcar a expressão enigmática e misteriosa do rosto da linda Perdita, nas mãos como um simbolo dos corações, que arrebatava tem um medalhão com o retrato do seu régio amante. Este retrato é um hino à soberania e à beleza da mulher. É um pedestal em que numa só mulher figura a homenagem a toda a beleza feminina, à graça, à elegância e á distinção. Trindade sem a qual não pode haver beleza perfeita, e que possuindo-as reunidas tornaram a mulher completa.

Maria de Eça.

Os banquetes da quinzena



Ao sr. FRANCISCO H. ROSA — Mais de cem pessoas reuniram-se, ha dias, no Gremio Alentejano, num almoço, em volta do sr. Francisco H. Rosa, a quem homenagearam pelas suas altas qualidades de caracter e de comerciante. Presidiu o sr. Raul Costa, tendo havido vários discursos e brindes ao homenageado.

Ao sr. CORONEL BANDEIRA DE LIMA — Ao alto da página damos um aspecto do banquete, realizado no Hotel Aviz, de homenagem ao sr. coronel Bandeira de Lima, comandante do Batalhão de Caçadores 7, em virtude d'êste illustre official abandonar, por motivos de saude, aquele alto cargo. Presidiu o sr. general Daniel de Sousa.



Ao dr. CARLOS SALAZAR DE SOUSA — Um grupo de amigos e colegas do sr. dr. Carlos Salazar de Sousa, filho do conhecido médico dr. Salazar de Sousa, que recentemente se doutorou, ofereceu-lhe um jantar de homenagem no hotel Aviz.

Ao COMANDANTE DO «INGOLF» — No seu palacete de Santa Catarina, o sr. Guilherme Pinto Basto ofereceu um banquete em honra do comandante do aviso dinamarquês «Ingolf» que esteve no Tajo. Assistiram, além da officialidade daquelle barco, o sr. ministro da Dinamarca e diversos membros da colonia.



POR mais preocupações que assoberbem os homens, por mais contradições que os acabrunhem, e por muitos amores que os desnorteiem, eles não esquecem a sua predilecta cega-rega, a escolha da mais bela.

E, tal qual como os carneiros de Purgio, extravagante herói do *Pantagruel* do médico-benedictino, o sarcástico Rabelais, os senhores homens vão, uns após outros, ao encontro dos mesmos processos para a resolução do eterno pleito.

E daí a organização de concursos chamando a atenção e a cobiça das meninas que por esse mundo além se julgam com dotes físicos suficientemente aliciadores da admiração do outro sexo, e, em ricochete, da inveja das suas irmãs menos contempladas pela natureza.

Apesar dos protestos que sempre acompanham tais exhibições, não há maneira de acabar com elas, e parece que essa mania tende a progredir.

O pomo de Páris continúia disputadíssimo, e continúia também sendo o pomo da discórdia, entre as belas concorrentes ao prémio maior.

Portugal já fez uns quatro concursos dessa espécie que me lembre: dois para o plebiscito universal — um discutido em Galveston outro no Rio de Janeiro — e mais dois locais, o das raparigas dos mercados de Lisboa e os das costureiras da capital e províncias.

Em todos eles se fez sentir a justiça — uma justiça relativa, é claro, porque foi restrita às pessoas que compunham o júri e não a um sufrágio cidadão ou nacional. E todas as sentenças passaram tranqüilamente à turba, a não ser a última, que teve a retumbância dum processo nos tribunais, processo que certamente não terá imitadores.

Está na memória de toda a gente a vitória do primeiro pleito, ganha por quem realmente a mereceu pela sua beleza física e espiritual.

Porque, na nossa terra — não sei como se faz nas outras — tem-se olhado um pouco para certos dotes do espírito que devem acompanhar o encanto pessoal.

E acho que quem assim pensa está na verdade, porque certamente não se pode nomear embaixatriz da beleza dum país uma criatura que embora lindíssima não saiba ligar dois períodos nem entrar n'um salão sem se tornar ridícula.

E o critério que presidiu á primeira escolha foi o que se impôs igualmente, quando foi eleita a senhora que devia representar Portugal.

É difficil reunir aos atrativos corpóreos a sedução da inteligência, e quando essa junção se dá, quem tem de resolver o assunto faz muito bem em dar a preferéncia á candidata que em si a apresenta.

ETERNO PLEITO

Mas, como ia dizendo, apesar de todos os problemas que preocupam o homem, essa batalha de formosuras mostra-se cada vez mais renhida.

Vejam-se a Espanha com as suas lutas



Ilda da Cunha Pinto — a «Rainha do Mercado da Ribeira» — que morreu há dias

e os seus embaraços políticos, deixa de *passar um ratito*, pensando no encanto das suas mulheres!

No meio dos assaltos, das greves e dos tumultos, surgiu agora um concurso de lindeza, em pleno Madrid, a cidade *del oso y del madroño*.

Não vão pensar, os que não sabem espanhol, que *oso* é um osso, porque é *urso* em português.

Não se admirem da minha observação, porque tenho visto traduções piores, como numa fita recente, em que se dizia que o rei *del trueno* era o rei do *trono*, e *trueno* é *trovão*. As apparencias iludem sempre, mesmo as do som de certas palavras.

Mas voltemos ao concurso de Ma-

drid, que foi realizado pelo jornal *Ahora* e nas suas salas, com grande concorrência e deslumbramento de pormenores.

Desta vez, parece que o caso esteve sério e difficil, porque surgiram ainda bonitezas mais impressionantes que de outras vezes.

O que não admira, visto a quimica dos fazedores de ingredientes de beleza estar cada vez mais desenvolvida e aperfeiçoada.

E bem de ver que tôdas tinham as sobrelhas afiladas pela pinça ou rapadinhas pela navalha com o risquinho a substituir os pêlos sacrificados a uma estética convencional.

As pestanas espessas de cosmético e os lábios rubros de *bâton*, assim como as faces de saúde emprestada pela caixa de carmim, também foram de rigor.

Mas, se tôdas as concorrentes se serviram do mesmo artificio para vencer, a vitória da eleita foi justa, porque tudo é relativo neste mundo.

E o júri soube distinguir certamenté as feições que se embelezavam apenas um *poquito más* das outras que sob a pintura disfarçavam seus defeitos. No fim deu tudo certo.

Não posso fechar estas considerações, sem render um preito de enternecida saudade a uma beleza portugue-síssima e encantadora, na sua singeleza, que a morte há dias nos roubou — a Ilda da Ribeira, essa garota de dezasseis anos que no concurso da rainha dos Mercados arrancou cetro e corôa a concorrentes perigosas, porque eram todas raparigas bonitas e desempenadas. O júri deixou-se conquistar pelos olhos risonhos e ao mesmo tempo de uma meiguice arrebatadora da graciosa colareja, e o povo deu razão aos juizes, porque ali não era preciso torcer consciências, nem atropelar a justiça.

Pobre Ilda! Lia-se no seu olhar a alegria do triunfo,

À realza da formosura ela juntou daí a pouco a realza do amor.

E, quando a vida lhe sorria, quando a ventura lhe abria francamente as portas da sua mansão de sonho, a morte, que já a rondava havia tempos, arrebatou-a ao seu amado e ao amor de tanta gente que muito lhe queria.

E atirou-a para a treva eterna, apagando em seu peito as luzes que ela erguera à vida, com tanto carinho e tanto entusiasmo e tanta ânsia de viver.

A morte é quasi sempre desmancha prazeres.

Quando tudo nos falha e a desventura está connosco, ela esquece-se de nós.

Se a ventura nos sorri um instante, ela vem, e estanca-nos nos lábios o rictus da felicidade.

Mercedes Blasco.

NOTAS gráficas da quin- zena



HOMENAGEM AO CHEFE DO ESTADO—O sr. embaixador do Brasil foi, há dias, ao Palácio de Belem, entregar ao sr. general Carmona as insígnias da Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro, a mais alta condecoração brasileira. O sr. Presidente da República estava acompanhado do ilustre ministro dos estrangeiros, sr. dr. Caetano da Mata. Trocaram-se dois discursos amistosos



O MÉTODO JOÃO DE DEUS—Presidindo ao júri o sr. dr. João de Deus Ramos—o grande animador dos Jardins-Escolas—prestaram, há dias, provas de habilitação para o ensino pelo método João de Deus—incontestavelmente o que melhor tem provado—os professores e professoras que nos modelares Jardins-Escolas têm estado fazendo estagio



A FEIRA DO LIVRO—Por iniciativa da Associação dos Livreadores inaugurou-se no último sábado a IV Feira do Livro. Damos, à esquerda, os stands 22 e 23 que pertencem, respectivamente, à Livraria Bertrand e à Sociedade Editora Portugal-Brasil e o mostruário, que se admira num dêles, onde se destacam livros não só de autores brasileiros como também de traduções feitas no Brasil

A EMBAIXADA BELGA EM LISBOA—Esteve em Lisboa uma embaixada belga, que veio, propositadamente, ao nosso país, em missão especial para agradecer as condolências da nação portuguesa pelo falecimento do rei Alberto e comunicar ao chefe do Estado a subida ao trono do rei Leopoldo III. O embaixador, sr. barão Dorlodot, seguiu para Belem, num automovel, acompanhado pelo sr. Luiz Barreto da Cruz, chefe do protocolo. Outros, seguiam os restantes membros da missão, acompanhados do sr. dr. Manuel Antas de Oliveira. O sr. general Carmona recebeu a embaixada, estando acompanhado dos srs. presidente do governo, ministros dos estrangeiros, colónias e guerra, secretário geral da Presidência e pessoal da casa militar e dos gabinetes dos ministros. O sr. barão Dorlodot foi introduzido no salão pelo sr. dr. António de Sêves, chefe do protocolo da presidência



O 8.º ANIVERSARIO DA REVOLTA MILITAR

O Congresso da União Nacional e a parada militar comemorativa do movimento "28 de maio"



← O desfile da 1.ª Companhia Indígena de Infantaria de Moçambique

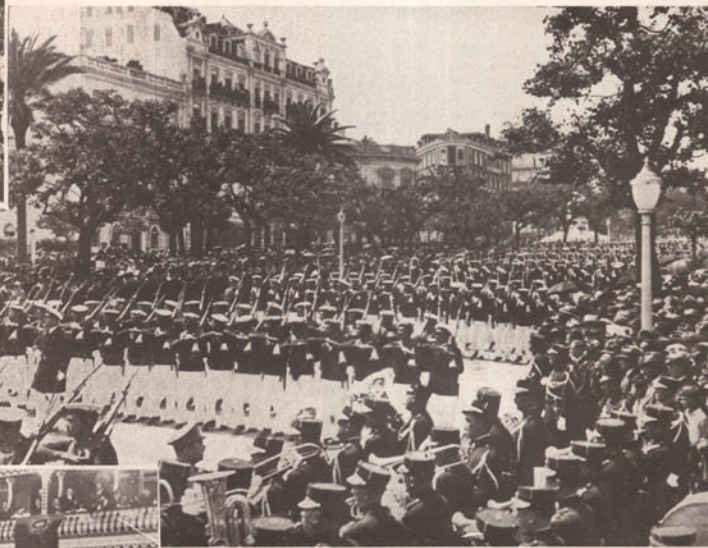
A Sala Portugal, da Sociedade de Geografia, durante a sessão, em que foi inaugurado o Congresso União Nacional

O Batalhão de Marinha passando em revista perante a tribuna presidencial

O sr. dr. Oliveira Salazar em primeiro plano, com o sr. dr. Alvaro de Azevedo e o sr. dr. Alvaro de Azevedo à sua esquerda e à tribuna da direita



Aspecto geral que oferece o Coliseu dos Recreios durante o banquete de confraternização da União Nacional



O 8.º ANIVERSARIO DA REVOLTA MILITAR

Ao banquete de confraternização da União Nacional assistiram duas mil e quatrocentas pessoas

DURANTE OS dias 26, 27 e 28 comemorou-se em Lisboa o 8.º aniversário do «28 de Maio». Antes da abertura solene do Congresso da União Nacional, efectuou-se na igreja de S. Domingos uma cerimónia religiosa, a que assistiram quasi todos os membros do governo, em sufrágio dos mortos do Estado Novo. Entre a missa, que foi celebrada por monsenhor Manuel Vieira, prior daquele templo, o sr. cônego Correia Pinto pronunciou uma eloquente allocução. A seguir, houve «Te-Deum» em acção de graças. Duas horas depois, na Sala Portugal, da Sociedade de Geografia, com a assistência de milhares de pessoas, inaugurava-se o Congresso. A mesa foi presidida pelo sr. dr. Oliveira Salazar, que tinha à sua direita os ministros do Interior e da Guerra e o sr. dr. Albino dos Reis e à esquerda os ministros da Justiça e das Colónias e o sr. coronel Lopes Galvão, representante da Sociedade de Geografia. Falou em primeiro lugar o sr. dr. Albino dos Reis, fazendo o discurso da abertura do Congresso, Saudou o Chefe do Estado e depois prestando homenagem ao Exército evocou a «manhã gloriosa do 28 de Maio de 1926». Depois o antigo ministro do Comércio sr. engenheiro Araújo Correia, leu, um trabalho, intitulado «Directrizes económicas do Estado Novo», findo o qual usou da palavra o presidente do governo, que foi muito aclamado.

Depois de dirigir as suas saudações aos congressistas e de promover que o governo seguirá atentamente as discussões do Congresso, o sr. dr. Oliveira Salazar disse que ia proferir algumas palavras «ditadas pelas circunstâncias da vida nova de Portugal, no quadro da evolução política do mundo europeu».

Referiu-se ao novo sistema de política e de direito público, ao nacionalismo, português e ao Estado Corporativo. Afirmou que a União Nacional não é um partido e declarou que apesar de faltarem bastantes trabalhos preparatórios, o governo espera poder realizar eleições de modo que a Assembleia Nacional comece a funcionar em 1935.

No domingo efectuou-se a parada militar e o cortejo cívico. O Chefe do Estado, acompanhado de todos os membros do governo, assistiu, numa tribuna armada a meio da avenida da Liberdade, ao desfile das tropas e ao cortejo, no qual tomaram parte elementos da A. E. V., corporações administrativas, membros da União Nacional e representantes dos distritos.

À tarde, fez-se na Câmara Municipal, a entrega ao sr. dr. Oliveira

Salazar dos diplomas de cidadão honorário de todos os concelhos do país, tendo havido entusiásticos discursos.

A noite, na vasta sala do Coliseu dos Recreios realizou-se o banquete de confraternização dos congressistas. Reuniram-se 2.400 pessoas. Ocupou a presidência, na mesa de honra, o sr. dr. José Albino dos Reis, presidente da comissão executiva do Congresso, e sentaram-se à sua direita, os srs. ministros do Interior e Colónias, sub-secretário de Estados das Finanças, coronel Lopes Mateus, dr. Joaquim Nunes Mexia, dr. Carneiro Pacheco, general Teófilo da Trindade, governador civil de Lisboa, dr. António Correia de Oliveira, dr. José António Marques, dr. Manuel Ribeiro Ferreira e engenheiro Gomes da Silva; à esquerda, sentaram-se os srs. ministros da Justiça, Comércio e Agricultura, procurador geral da República, dr. Antunes Guimarães, dr. Bissia Barreto, engenheiro Nobre Guedes, engenheiro Carlos Santos, dr. Alfredo de Magalhães, tenente-coronel Linhares de Lima, major Santos Pedroso e dr. Henrique Cabrita.

O banquete assumiu grande importância pela quantidade de pessoas que nele tomaram parte. Por curiosidade damos alguns numeros elucidativos do que elle foi. Serviram-se 800 litros de canja de galinha; 12.000 fiffetes de peixe, que pesavam 800 quilos; 9.000 escalopes de vitela, que pezavam 1.300 quilos; 200 perus trufados; 9.000 páes pequenos; 480 pratos de crème «Chantilly», que pesavam 1.200 quilos e 12.000 frutos.

Beberam-se: 1.800 garrafas de vinho tinto e 700 de branco; 600 litros de «cup»; 480 garrafas de Porto; 800 garrafas de champagne. Para servir o banquete, utilizaram-se 6.000 talheres; 12.000 pratos; 3.000 chavenas de café; 3.000 taças; 6.000 copos para vinho de mesa e 3.000 para vinho do Porto.

Para cobrir as mesas, foram necessários 700 metros de toalhas em cortes de 50 metros; 3.000 guardanapos e mais 300 para serviço de cosinha.

O pessoal que se empregou em servir o banquete, além do chefe de cosinha e dos seus seis ajudantes, foi de 75 empregados de copa, 40 moços, 30 empregados na fiscalização, 300 criados de mesa e 40 mulheres.

Até hoje nunca se haviam reunido, em Portugal, num banquete, 2.400 pessoas. Tanta a sala do Coliseu como o palco e até os camarotes e a galeria superior, estavam literalmente cobertos de mesas.



As sete desportistas espanholas que se apresentaram em demonstrações de atletismo

rios esta circunstância, pois estão habituados a correr num campo que é completa antítese, enquanto os es-

ASSÍTIMOS há alguns dias ao encontro oficial dos atletas académicos de Madrid e Lisboa, entre os quais figuraram alguns dos melhores campeões portugueses e espanhóis. A organização, auxiliada e patrocinada por «Os Sports», foi um precioso agente de propaganda do atletismo e deve merecer o aplauso de todos os bons desportistas.

Verificámos no decurso da maioria das provas, que os nossos representantes perdem uma parte das suas possibilidades em erros de tática contra adversários desconhecidos e de classe superior, tão desmoralizados ficam encontrando-se ao lado de homens que não são aqueles cujos processos sabem antecipadamente.

A vitória dos madrilenos foi muito mais nítida do que era esperado, mas devemos salientar que para tal contribuíram, por um lado, algumas exhibições inferiores dos portugueses, e por outro, a série da proezas excepcionais dos seus adversários, que bateram um record nacional de Espanha, quatro records de Castela e dois records universitários!

Os lisboetas, mais modestos, melhoraram apenas um record do sul e outro universitário, respectivamente no triplo-salto e nos 800 metros.

Das quinze provas constantes do programa, só quatro nos trouxeram a alegria do triunfo; nas restantes, algumas das quais eram antecipadas derrotas, houve também certas desilusões amargas, sendo a maior o desbarato nítido dos nossos corredores de cem metros.

Pode alegar-se, como atenuante a este e outros insucessos, o estado lamentável da pista, em alguns pontos, sobretudo junto à corda. A cinza usada pelo «Belenenses» para sua construção é demasiado solta; não foi lotada, como era indispensável, com uma substância argilosa aglutinante e os pés dos corredores não encontram apoio no esforço de impulso. Não deve admirar que os nossos extranhassem mais do que os adversá-



Um «excelente» remate de salto em comprimento executado por Itebelia Martinet, uma das desportistas que nos visitou

panhois usam habitualmente uma pista verdadeira, mais próxima, em todo o caso, do «areal» das Salésias, do que o está a terra batida do Estádio.

O reconhecimento desta insuficiência não significa de modo algum que se deva abandonar para os concursos nacionais a nova pista, antes pelo contrário, pois o piso melhorará com o uso, muita água e a compressão de um cilindro, sobretudo se houver o cuidado de lhe adicionar um pouco de tufo e pó de tejo.

As pistas estreadas nunca dão resultados satisfatórios em absoluto, e a do «Belenenses» está nesse caso; uma época de prática, um inverno por cima e a transição assentuar-se-á.

A associação de manifestações femininas de desporto às duas jornadas do encontro foi uma ideia feliz dos organizadores, que por certo veio destruir, ou ajudar a destruir, velhos preconceitos

Margot Moles, estilista do lançamento do disco, inicia impetuosamente a rotação do círculo

A QUINZENA DESPORTIVA

O PRIMEIRO LISBOA-MADRID ACADEMICO DE ATLETISMO

e a bela exibição de sete rapa rigas das escolas madrilenas

do meio português que impedem ainda, às raparigas, a prática livre e salutar do exercício físico desportivo.

O contraste na maneira de trajar dos grupos lisboetas e madrilenos de basket, traduziu significativamente o atraso da nossa evolução; enquanto as espanholas se apresentaram de calções, numa liberdade de movimentos que mais destacava a beleza harmónica das atitudes, as portuguesas ostentavam um embaraço e arcaico saiote branco, e uma delas trazia, até, sapatos com salto. Dir-se-ia, num festival evocador do passado, um confronto entre os usos de duas gerações, no qual as nossas compatriotas desempenhavam o papel de raparigas de há vinte anos.

As cinco componentes da Escola Machado de Castro são dignas, porém, das mais completas felicitações pela decisão com que consideraram ao apelo dos promotores do encontro. Num país de rotina, o primeiro passo em nova directriz é sempre o mais difícil, aquele que exige maior coragem moral; o acolhimento carinhoso e respeitador do público deve ter feito compreender às jogadoras lisboetas de basket quanto foi apreciada a sua atitude, incitando-as a proseguir, arreando de vez com os últimos preconceitos, a aconselhando-as a adoptar, para o culto do desporto, um trajo essencialmente desportivo.

Numa época em que as mulheres exibem nas praias da moda, os «maillots» mais ousados e mais indiscretos, sem provocar sequer a atenção especial dos homens, tão vulgares eles são já, o saiote branco num campo desportivo, é um anacronismo injustificável.

Os saltos em altura, a corrida de 60 m., os saltos em comprimento e o lançamento do disco, constituíram um programa variado e atraente, que a assistência sublinhou com frequentes aplausos.

Notemos, em especial, a exhibição notável de Margot Moles, projectando o disco de um quiló a 35, m 89, contra ovento, distancia esta que supera o «record» do mundo universitário feminino. Mas, mais ainda do que o valor do resultado, merece aplauso o estilo impressionante da lançadora, meticolosamente estudado, perfeito desde o balanço preparatório do braço, sublinhado pela torsão acentuada do tronco, até ao movimento final de funda, terminado com a mão baixa e deixando sair o disco numa trajetória ascensional de uma harmonia impecável. Margot Moles foi melhor estilista do disco do que o seu compatriota Carlos Duran, apesar d'êste haver batido o «record» de Espanha com uns excelentes 43, m 33, e, para os especialistas portugueses, um modelo a seguir e uma lição prática de que muito podem aproveitar.

O grupo de jogadoras portuguesas de «basket» pertencentes à Escola Machado de Castro

A prova masculina de saltos em altura foi, talvez, aquela que maior interesse despertou, seguramente, de



Uma fase do encontro de «basket» que permite confrontar a elegância e o valor prático dos trojos usados pelas contendoras

agora conquistados, que não deve considerar um prémio dos esforços passados, mas sim um incentivo para os esforços futuros.

Cristovão Cardoso nos saltos à vara, e Alvaro Martins Vieira na corrida de barreiras alcançaram duas vitórias esperadas, porque se conhecia a inferioridade dos madrilenos, mas, mesmo assim, dignas de apreço.

A prova do triplo-salto, quarto e último triunfo português, revelou-nos um novo com excepcionais aptidões. José Neto, pela primeira vez que participou num concurso de triplo-salto, estabeleceu novo record de Lisboa e provou, que o máximo nacional está dentro das suas possibilidades.

Entre os seleccionados nacionais menos felizes, porque batidos, alguns deram prova de qualidades notáveis, por vezes mal aproveitadas; Rui Lisboa é um discobolo que não sabe atirar o disco, Silva Fino um lançador do peso com

absoluto desconhecimento do que deve fazer e Braga um lançador do dardo habilidoso mas sem domínio da vontade para alinear a pre-ocupaçao da competição. Entre os corredores, Stucky defendeu-se muito bem nos 800 m., possui excelente estilo, mas falta-lhe o estofso só alcançável com uma cultura física geral; José Júlio Duarte teve um belo percurso na estafeta.

No final do encontro a vantagem espanhola traduzia-se por uns bons 16 pontos, o que representa um valor aproximado entre as equipas, como de 2 para 3. Os portugueses valeram dois terços do conjunto espanhol. A diferença, embora apreciável, não deve ser motivo para desanimos. Se os académicos de Lisboa quiserem trabalhar criteriosamente durante o ano que vai seguir-se, tenho a certeza que em Madrid, para onde está marcado o encontro de 1935, se não conseguirmos vencer — o que é demasiada ambição — perderemos por menor distância, afirmando assim um progresso que nos levará, um dia, ao triunfo incontestável.

O simpático saltador leonino, modesto, estudioso, que à custa do seu trabalho em anos consecutivos vem aperfeiçoando um estilo particularmente difícil, é digno dos louros

A linda chegada à meta do estudante madrilenho Ilaca, o vencedor da corrida de 500 metros

Salazar Carreira.



Marlene no papel de Catarina, imperatriz déu-das Russias

dividualidade distinta. E esta verdade pode, afinal, ser testemunhada por quem quer que tenha visto interpretações das duas grandes artistas. Evocando os personagens tão diversos que têm criado, os processos de exteriorização tão diferentes de que se servem, compreende-se logo que toda a tentativa de comparação objectiva é impossível.

A personalidade cinematográfica de Marlene Dietrich é a da mulher ardente, em quem uma aparente frieza não consegue esconder totalmente uma alma dominada pel's mais violentas paixões. Requeimada ao contacto brutal da vida todos os seus gestos exprimem lassidão e fatalismo. Mas para o espectador que se deixe prender sem resistência na teia dos seus encantos doentios, Marlene reserva sempre uma surpresa.

Marlene, filha de Maria, em uma parte do filme «Capricho Imperial» ou lado de sua mãe

A popularidade dum artista de cinema é cousa que dá sempre que pensar.

Que factores intervêm para que o nome dum actor ou duma actriz se imponha dum modo decisivo à admiração do público? Sedução pessoal? Publicidade bem dirigida? Merecimento artístico? O primeiro exame da questão revela logo que a popularidade é resultante dum conjunto perfeito desses factores. A melhor propaganda não pode fazer uma «estrela» duma pessoa privada de faculdades artísticas. Do mesmo modo que as qualidades mais evidentes nunca poderão impôr-se sem uma intensa publicidade. Sucede, por vezes, que uma propaganda inteligente consegue exaltar qualidades mediocres. Cria-se nesse caso uma celebridade fictícia. Mas há também casos, embora mais raros, em que os dotes artísticos impõem uma «estrela» e tornam superflua, quasi inútil, toda a propaganda.

Marlene Dietrich está nestas invejáveis condições. O seu nome dispensa qualificativos. A sua celebridade pode, na origem, ter sido estimulada por uma propaganda intensa, como só na América se sabe fazer. Mas hoje é, indubitavelmente, a consequência lógica do seu muito valor e representa o preito de homenagem do público à sua inconfundível personalidade.

Porque a verdade é que Marlene Dietrich possui, como artista de excepcional categoria que é, uma das mais fascinantes personalidades, que em nossos dias animam o «écran».

Tem-se multiplicado o absurdo de estabelecer entre ela e Greta Garbo comparações que ora são desfavoráveis à «estrela» sueca ora reduzem o valor da grande actriz do «Anjo Azul». Toda a comparação deste género é inaceitável. Entre uma e outra não existe nenhum outro ponto de contacto além do que pode aproximar duas artistas de grande categoria, mas dotadas duma in-



2a. Essa surpresa é um sentimento puro e vigoroso que surge inesperadamente das profundidades misteriosas do seu espírito. Lembra uma chama erguendo-se dum monte de cinzas que se supõe apagado. A mulher que todos julgam gasta pelo contacto rude da vida volta a ser a amante carinhosa ou a mãe dedicada. Dissequem-se as várias criações de Marlene e é isso que se encontrará em última análise.

Eis o que constitui a faceta principal da personalidade artística de Marlene Dietrich. Está nisso o maravilhoso segredo da sua glória.

Quem conhece a carreira desta grande actriz e admirou a sua evolução através dos muitos filmes seus exibidos em Portugal, não ignora

Um olhar profundo e enigmático da grande Catarina da Rússia



CINEMA

A carreira artística de Marlene Dietrich

uma das mais definidas personalidades do «écran»

que para a formação da sua personalidade artística concorreu mais que ninguém um artista excepcional, dos mais poderosos e originais animadores do «écran» — Joseph von Sternberg. A ele se deve, em primeiro lugar, a revelação de Marlene que foi arrancar à modesta celebridade de alguns palcos alemães para a revelar ao mundo, por intermédio da arte universal do cinema.

Quem era essa artista que os espectadores americanos e europeus logo aplaudiram e consagraram?

Marlene Dietrich nasceu em Berlim. Era filha dum oficial superior do exército e duma senhora de sociedade. Sua mãe era cultora fervorosa da música e a pequena Marlene recebeu desde a infância a mais esmerada cultura musical.

Aos doze anos falava já correntemente, além da sua própria língua, o francês e o inglês, facto que mais tarde havia de ter influência decisiva na sua carreira. Revelava, por outro lado, grande vocação para o violino pelo que a família decidiu que se dedicasse por completo a este instrumento. Algum tempo depois foi, porém, forçada a suspender os seus estudos. Sofrera uma lesão na mão esquerda e os médicos proibiram-lhe, durante alguns meses, a prática do violino. Querendo encontrar outro meio de expressão para as suas aptidões artísticas, solicitou e obteve ingresso na famosa escola de arte de representar dirigida pelo grande animador do teatro alemão Max Reinhardt.

Ai se dedicou ao estudo de arte dramática, em que realizou progressos rápidos. E teve, então, início a primeira fase da sua carreira que é, em geral, pouco conhecida.

Estreou-se num teatro de Viena. O público acolheu-a com simpatia e esse facto animou-a a prosseguir. Pouco tempo depois apresentava-se ao público da sua cidade natal no primeiro papel duma peça intitulada «A mercê do destino». E Berlim, à semelhança de Viena, acolheu a estreade com aplausos entusiásticos.

Daí por diante a celebridade de Marlene não fez senão aumentar. Percorreu incessantemente a Alemanha e a Áustria exibindo-se nos géneros teatrais mais diversos. Quer se tratasse de dramas, comédias, farças ou tragédias, as suas magníficas disposições manifestavam-se sempre. Muito tempo antes de entrar para o cinema Marlene já era, por isso, considerada uma das actrizes mais em destaque no teatro alemão.

Apesar da sua nova profissão, Marlene não descurava, no entanto, o violino e continuava a dedicar-lhe todos os momentos de ócio, como ainda hoje faz. Foi então que Josef von Sternberg chegou a Berlim. O grande realizador obteve, com o consentimento da «Paramount», licença de alguns meses para dirigir em Berlim a realização do «Anjo Azul», filme interpretado por Emil Jannings. O conhecimento entre este notável actor e Sternberg provinha como se sabe do tempo de «A última ordem», filme em que ambos cola-

boraram nos Estados Unidos. Sternberg conquistara uma justa reputação como realizador cinematográfico por intermédio de algumas obras que fizeram época: «Vidas Tenebrosas» e «As docas de Nova York».

Impunha-se pelos seus poderosos meios de expressão, pela humanidade sombria e sugestiva dos seus filmes. O mundo inteiro esperava, pois, com curiosidade o seu novo filme «Anjo Azul» que tinha por outro lado a recomendação a circunstância de ser a estreia no cinema falado do grande Emil Jannings.

Este filme devia ter duas versões, uma em alemão, outra em inglês. Logo que começou a estudar a realização, Sternberg reconheceu que todos os elementos se achavam reunidos com excepção de um de capital importância: o inter-

Uma atitude da grande estrela Marlene Dietrich, cheia de vida e de simplicidade



prete do principal papel feminino da obra. As condições exigidas duma actriz para o desempenho dessa figura eram numerosas. Devia falar inglês com a mesma facilidade que alemão, possuir um tipo de beleza considerado universal, visto que o filme se destinava à exhibição em todo o mundo, e ter conhecimentos sólidos de canto e música.

O problema não estava ainda resolvido, quando certa noite Sternberg entrou, sem ideia preconcebida, num «music-hall» de Berlim onde se representava a comédia «As duas gravatas» com Marlene na protagonista. Conhecedor da fama que rodeava a artista, embora nunca a tivesse visto, Sternberg tinha já proposto tempo antes a escolha de Mar-

O olhar profundo e enigmático da grande Catarina da Rússia



lene para a interpretação do principal papel feminino do «Anjo Azul». Mas certas relutâncias que os produtores lhe opuseram, levaram-no a desistir da ideia. Ao vê-la pela primeira vez no palco, a sua decisão tomou carácter irrevogável. Ao abrir o espectáculo Marlene pronunciava algumas frases em inglês. A sua pronúncia era correctíssima. Era ela, portanto, a actriz mais indicada para interpretar o papel bilingue de «Anjo Azul». Foi em consequência disso que Marlene Dietrich compareceu no dia seguinte nos estúdios da «Ufa», onde a submeteram às habituais provas de fotogenia e fonogenia. Três dias depois, estando claramente demonstrada a sua competência, assinava o contrato que havia de lhe abrir caminho no cinema.

A realização de «Anjo Azul» correu como se esperava. O êxito, porém, excedeu a expectativa. Sternberg apressou-se a telegrafar aos dirigentes da «Paramount», lembrando-lhes a vantagem de contratar uma actriz que acabava de revelar tão excepcionais faculdades para o fonocinema, e que ele sabia estar destinada a ser uma das mais famosas actrizes do cinema. Os produtores norte-americanos seguiram o conselho e de então para cá não cessaram de tirar dele todo o proveito.

A sua carreira em Hollywood têm sido uma sucessão ininterrupta de triunfos. Todas as suas criações agradaram sem reservas e o seu número é já grande. Recorde-se, entre outras, «Marrocos», filme que interpretou a par de Gary Cooper, «A Venus Loura», O expresso de Xangai», etc. Marlene Dietrich terminou recentemente mais um filme intitulado «Capricho Imperial». Trata-se duma obra baseada na vida da imperatriz Catarina da Rússia, em que a grande actriz além da sua original interpretação à figura da célebre tsarina.



Com a solenidade já conhecida através da imprensa diária, realizou-se o mês passado — no dia dos anos de José Malhõa — a inauguração oficial do Museu das Caldas da Rainha, no qual foi dado o nome do ilustre pintor.

As festas decorreram cheias de simplicidade, mas repassadas de sinceridade. O povo das Caldas associou-se entusiasticamente à glorificação, que naquele lindo dia de sol foi prestada ao autor do célebre quadro «O Fado», em frente do seu busto, onde toda a cidade desfilou flores. Impressionante, também, foi a visita à casa onde nasceu

o mestre há 70 anos, na rua de S. Sebastião, e onde a massa anímica da população daquela cidade, em silêncio profundo, se demorou algum tempo. Senhores caldenses cantaram a missa por alma do príncipe da pintura portuguesa contemporânea e um grupo de bombeiros fez a guarda de honra à casa, que a meio da linda igreja de Nossa Senhora do Populo se erguia, coberta pela bandeira. A sessão solene, que precedeu a abertura do Museu, que foi presidida pelo sr. ministro de instrução, e que se realizou na sala do Casino, foi bem a consagração do glorioso artista. Não falaram os srs. António Montez, em nome da comissão — o grande animador da comemoração — dr. José de Figueirêdo, pintor Falção Trigo, dr. José Saudade e Silva, presidente da Câmara Municipal e ministro de instrução.

Depois da inauguração do Museu, que ficou instalado provisoriamente no Pavilhão Rainha D. Leonor, onde, não houve profusão, lançou-se a primeira pedra do edifício onde ficará definitivamente.

O remate da comemoração foi a conferência proferida pelo sr. dr. Manuel de Sousa Pinto, ilustre crítico de arte, realizada na Associação de Socorros Mútuos Rainha D. Leonor. Não há memória dum tão grande assistência a uma conferência de arte, que tributou uma grande ovação ao distinto escriptor que há anos, com proficiência e carinho, vem estudando a obra magistral do mais português dos pintores de Portugal.

Não foram esquecidas nas festas caldenses, nas quais não faltaram músicas e cantares regionais, os artistas, que generosamente ofereceram ao Museu os seus trabalhos. Mais um museu se fundou em Portugal, um museu de dedicação, um museu que merece servir de exemplo!

Tudo quanto contém, cerca de 150 trabalhos, assinados pelos nossos melhores artistas, foi generosa-

mente e gentilmente oferecido. Deem estar satisfeitos os organizadores do novo Museu, quatro grandes amigos do Mestre, os srs. António Montez, José Filipe Rodrigues, Agostinho Fernandes e José de Sousa, que com um carinho inextinguível, levantaram, no curto prazo de alguns meses, mais um Museu em Portugal, que representa, além dum justa e linda homenagem a Malhõa, um alto nível cultural de grande interesse para a antiga estância da côrte.

O Pavilhão, onde se encontra instalado, provisoriamente o Museu Malhõa



As crianças depondo flores no monum. do José Malhõa

ainda hoje conhecida por «Rainha das Termas de Portugal».

Damos a seguir alguns trechos da brilhante conferência do sr. dr. Manuel de Sousa Pinto:

Há seis meses, veio a morte, inimiga da côr, buscar o fervoroso apaixonado da luz e idolatra da vida. Quando a terra do outono se entrega à faina embriagante da vindima, que num dos seus últimos painéis representou, caiu-lhe para sempre da mão o pincel, espécie de facho rutilante, que, sem queimar,

O sr. ministro da instrução recebendo a chave do Museu que inaugurou



NAS CALDAS DA RAINHA

A fundação do Museu Malhõa

e a notável conferência

do distinto crítico Manuel de Sousa Pinto

acendia crepitações. Nascido a 28 de Abril, na primavera de 1855, morreu em 26 de Outubro do ano passado. Um equinócio o trouxe e outro o levou, a êle, plêtorico de verão. Abriu os olhos privilegiados — e é o que hoje celebramos! — aqui, na Travessa de S. Sebastião, para glória das Caldas. Fecharam-lhos no «Casulo» de Figueirêdo dos-Vinhos, lá na estrêma do distrito. «Casulo» que, pelo nome escolhido, lembra um bômbice a segregar côr em vez de sêda.

Das chamas arrefecidas, diz-se que se apagaram. É esse também o doloroso verbo a empregar para as almas que, ao sumir-se, fazem esquecer. Malhõa foi uma delas.

Dotado de surpreendente vigor, espírito de sempre rapaz, esforçou-se por durar, e deve ter partido com saudades do que deixava. Nunca o abandono a alegria de viver e de pintar. É o segredo da sua arte e do seu modo de ser. Tinha setenta e oito bem empregados anos, que levou consigo, e para cima dum milhar de quadros e desenhos que nos ficaram. São essas telas e papéis, as suas telas coloridas e os seus desenhos tão fortes, que formam a claridade compensadora da treva do seu desaparecimento.

Môrto há seis meses, julgar-se-ia que esse prazo de luto não bastasse para mais do que lamentos e tristeza. Dêe-nos ainda a sua perda. É funda a mágoa dos amigos e conhecedores. No entanto, já hoje se lançou, na vossa cidade em progresso, a primeira pedra do Museu José Malhõa. Museu que não será, nem deveria ser, um templo exclusivamente dedicado ao culto do pintor caldense, mas onde, em duas ou três salas, as suas obras e recordações ajudarão a perdurar o nome glorioso da fachada.

A longa carreira de Malhõa foi, acima de tudo, uma lição de esforço, tenacidade e ideal — o ideal que a anti-civilização de muitos considera farrapo desprezível, quando é estandarte

querido da vitória. Nasceu humilde na então modesta vila. Morreu aclamado em todo o Portugal e no estrangeiro. Num tempo em que pululam os humanos simulacros, são mais de estimar os homens a valer; Caldenses que aqui estais e amais a vossa terra, podeis orgulhar-vos dêsse vosso irmão, que nunca esmoreceu, nem se entibou, e triunfou, e ficará!

Ouvi várias vezes, dos lábios zombeteiros com que se habituara a disfarçar a têmpera da sua energia, a confissão da luta que, durante muito tempo, o destino o forçara a travar. Malhõa foi, ao princípio, combatido e hostilizado. Teve um passageiro desânimo, que o levou, de diplomado em belas-artes, a caixeiro da loja de chapéus de senhora pertencente a seu irmão. Não esteve lá dois anos. Retomou os pincéis. Teimou, resistiu, impôs-se. Tomou por norma a honestidade dos processos, o desjê de ir sempre mais além, utilizando os triunfos como degraus, e até os insucessos como estímulos. Trabalhou com fúria, sem preguiça, obstinada, perseverantemente.

Contra a oposição que lhe moveram, contra a maledicência ou o desdem, abroquelou-se de telas e de tintas. Os seus quadros, diante dos quais, antes de prontos, vivia as melhores horas que conheceu, eram o escudo com que se defendia do arremanho das malevolências e das investidas do azedume. Erguiu em seu deus o trabalho, convertendo-o no maior bem da vida. Trabalhar foi o seu fito máximo, como é, afinal, o das árvores, que dão excelentes frutos pelo simples motivo de a seiva lhes percorrer nos troncos. Produzia porque existia. Viver foi para

êle pintar. Pode dizer-se que não deixou de viver. Deixou mas foi de pintar. Para um fechando da sua força, a última, dedada de côr correspondente.

«O último interrogatorio do Marquês de Pombal»

(Um dos quadros célebres do grande pintor.)



Um aspecto da sala principal do Museu que recentemente foi inaugurado

deriam, em breve, as derradeiras pulsações do seu sangue de colorista, que, além de vermelho como

o de toda a gente, e azul como pretende o dos fidalgos, devia ter as outras côres do espectro, para transmitir aos melhores dos seus quadros a riqueza cromática que os opulenta. Sangue de sete côres, gerado aqui nas Caldas, por uma ascendência ainda não pesquisada.

O último trabalho do Mestre, a agonia da sua actividade, intitula-se *Desalento*. Pertence ao vosso Museu esse pastel. É um busto de mulher, da mulher de *O Ventura*, que o precedeu e também faz parte do vosso apreciável património. Não está acabado. Quanto, porém, se pode julgar do que nos faz ver, não dá a nota do desânimo do modelo. Não parece da retratada o *desalento*? Quem o sentia era o pintor, em quem as forças declinavam irremediavelmente.

«Não demonstrará esse título, á Soares dos Reis, que, presentindo no braço o anúncio da decrepitude e na sua arte a proximidade do estertor, êle teve a certeza cruciante do ponto final? Dai o *desalento*. Desalento de não poder mais produzir. Desalento da despedida. Desalento de acabar. Na pintura, que o mesmo é dizer na vida, fica sendo essa a última palavra. Como se a tivesse podido proferir. «Desalento! Pena de sucumbir, cessação do trabalho. O nunca mais

«Desalento! A falência de toda a esperança, o limite da estrada. Não mais além. «Desalento! Plenitude das sombras, abolição dos contornos, paralisia do traço, impotência das tintas, quegueira da côr. Ennoitamento, negrume, o adeus á luz. «Desalento!

Para os verdadeiros pintores, a morte deve ser ainda mais escura do que para o resto dos mortais. É, por isso, digna dum pintor a frase final de Goethe: *Licht, mehr licht!* «Luz, mais luz!» É uma dúvida terrível de filósofo aquela trágica interrogação de Columbo, quando nos últimos instantes perguntou: «Ainda estou vivo?»

Evocando outro dos grandes nomes da pintura portuguesa — e uniu-os a melhor camaradagem — lembrai que Columbo, no célebre quadro do Leão de Ouro, pôs Malhõa, risonho, no primeiro plano, retratando-o para sempre, com as demais figuras.

Segue-se em valor o Malhõa de Ramalho, de 1882. Com outro esboço incompleto de Ramalho, um quadro da sua talentosa discípula D. Maria de Lourdes de Melo e Castro, um lápis de Alberto Sousa, e dois auto-retratos a carvão, um dêles magnífico, de 1928, sem esquecer o busto de Costa Mota, os medalhões de Simões de Almeida e Maximiano Alves, e numerosas fotografias, tendes uma boa série iconográfica do vosso inolvidável conterrâneo.



VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

Com uma enorme concorrência, realizou-se na tarde de sexta-feira última, no aristocrático «São Luiz Cine» uma elegante festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazem parte as seguintes: D. Ana de Barros Lamas, D. Ana d'Orey Quintela, D. Beatriz Viveiros Pereira, D. Berta Macpétrin Santos e Castellbranco, D. Catarina de Sousa Coutinho (Linhares), D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, condessa de Mendia, condessa de Valbom, duquesa de Palmela, D. Laura Avelar e Silva, D. Maria da Assunção Schroeter Viana, D. Maria Benedita de Castro Ozório, D. Maria Emilia Brandão Palha, D. Maria Luíza de Vilhena Magalhães Coutinho da Câmara, D. Maria Perestrelo de Albuquerque d'Orey, D. Maria da Piedade Lemos Macedo dos Santos, D. Maria Rosalina Pinto Coelho Perestrelo de Matos, D. Maria Seabra da Câmara e D. Tereza Lobo de Almeida de Vilhena, cujo produto se destinava a favor da benemerita instituição Oficinas de S. José, constando o programa da exhibição de vários filmes; entre os quais figurou a película «Sinfonia Incompleta», e de um acto em que tomou parte o Orfeon das Oficinas de S. José, que se fez ouvir em vários côros, e as sr.^{as} D. Amália Proença Nobre, que recitou várias poesias, e D. Maria Zulmira de Almeida, que se fez ouvir em vários fados de Coimbra, e em canções da Beira, números em que é exímia, sobretudo nas canções da Beira, que teve de trisar, confirmando assim mais uma vez o êxito que tinha obtido quando da sua primeira apresentação em Lisboa, na festa de caridade, realizada no teatro Nacional Almeida Garrett. O aspecto da vasta sala de espectáculos, que se encontrava completamente cheia, era verdadeiramente encantador.

Casamentos

Com grande brilhantismo, realizou-se na paróquia de Santos-o-Velho, sendo celebrante o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento



O casamento da sr.^a D. Isabel Maria da Costa Sousa de Macedo (Vila Franca) com o sr. dr. Francisco de Mascarenhas Gentil, que se effectou na igreja de Santos-o-Velho

da sr.^a D. Isabel Maria da Costa Sousa de Macedo (Vila Franca), com o sr. dr. Francisco de Mascarenhas Gentil, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Heloisa de Moraes Neves, avó paterna da noiva e D. Maria Helena de Mascarenhas Gentil Quina, irmã do noivo e de padrinhos os sr.s. D. João Carlos da Costa Sousa de Macedo (Vila Franca), tio avô paterno da noiva e o sr. dr. Carlos Ferreira Pires.

Terminado o acto religioso, durante o qual foram cantados com acompanhamento de órgão, vários trechos de música sacra, foi servido na residência dos noivos, à Avenida Presidente Wilson, um lanche seguindo os noivos depois para uma quinta na Arrábida, propriedade do pai do noivo, o professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. Francisco Gentil, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência notavam-se as sr.^{as}: Condessa de Estarreja e filha, D. Carlota de Mascarenhas, D. Heloisa de Moraes Neves, D. Maria Adelaide Cardoso da Costa Sousa de Macedo, D. Lucília de Moraes, D. Alda Cabral Gentil e filha, D. Maria Emilia Soares Branco de Bourbon e filhas, D. Maria de Lourdes da Costa Sousa de Macedo Sasseti, D. Maria do Carmo Serpa Pimentel Gamboa Bandeira de Melo, D. Octávia Stropm Martins Pereira, D. Maria Luíza Bivar de Sampaio e Melo, D. Madalena de Mascarenhas Gentil e Silva Martins e filhas, D. Stela de Avila de Freitas Branco, senhora do dr. Carlos Ferreira Pires e filha, D. Maria Luíza Diogo da Silva Teixeira e filha, D. Maria Isabel de Freitas Branco da Silva Pais, D. Maria Helena de Mascarenhas Gentil Quina e filha, D. Maria Emilia Mendes de Almeida Abecassis, D. Maria Tereza Ferrão de Lencastre, D. Maria Amélia Ferrão (Ponte), D. Maria Isabel de Mascarenhas Gentil, D. Maria Eugénia e D. Maria Perestrelo Guimarães, D. Maria Teresa de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Madalena de Moraes Palmeiro (Regaliera), D. Ana Maria e D. Heloisa Maria da Costa Sousa de Macedo Gamboa Bandeira de Melo, D. Maria de Lourdes de Abreu da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), etc., etc.

E OS SRS.: Marquês de Faria, conde de Mesquitela, conde de Estarreja, D. João Carlos da Costa Sousa de Macedo (Vila Franca), almirante D. Bernardo da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), professor dr. Francisco Gentil, Boaventura Mendes de Almeida, comandante Lopo Vaz de Sampaio e Melo, dr. Corsino Dias, dr. Salvador de Lucena, dr. Fernando Martins Pereira, dr. Manuel Bento de



Os noivos — sr.^a D. Maria da Piedade Castelo Branco (Belas) e o sr. engenheiro José Honorato Gago da Câmara Medeiros — no dia do seu casamento

Sousa, dr. Tomaz Gamboa Bandeira de Melo, dr. Mário Quina, Francisco de Lacerda, João de Freitas Branco Sasseti, Luiz de Freitas Branco, Sidónio da Silva Pais, Raul Abecassis, D. Luiz e D. João de Abreu da Costa Sousa Macedo (Mesquitela), Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria da Piedade de Castelo Branco (Belas), filha do sr. marquês de Belas, com o sr. engenheiro construtor naval José Honorato Gago da Câmara de Medeiros, filho da sr.^a D. Melânia Gago da Câmara de Medeiros e do sr. Gustavo de Medeiros. Foram madrinhas as sr.^{as} D. Eugénia de Castelo Branco Alves Diniz, e D. Maria Cristina de Castelo Branco Pimenta da Gama, respectivamente tia paterna e irmã da noiva e padrinhos os sr.s. marquês da Praia e Montforte e comandante Alfredo Botelho de Sousa, professor da Escola Naval. Celebrou o acto religioso, o reverendo António de Oliveira Reis.

— Em capela da residência da sr.^a D. Helena Borges Ferreira e do sr. José Ferreira, realizou-se o casamento de sua filha Carolina Amélia, com o sr. dr. José Valente Rocha, filho da sr.^a D. Ana Valente Rocha, e do sr. Manuel Conceição Rocha. Serviram de madrinhas a sr.^a D. Carolina Amélia Pinto da Rocha Perez e a mãe do noivo e de padrinhos os sr.s. Vitor de Avila Perez e dr. Francisco Valente Rocha. Celebrou o acto religioso, o prior de Alcantara, monsenhor Pinheiro Marques.

Baptizados

Na paróquia de Santos-o-Velho, realizou-se agora, em volume, os seus artigos publicados no «Diário da Noite», Deu-lhe o título de «Vila República» e como sub-título: «Dois anos de luta ao parapeito do «Diário da Noite». É um punhal de crónicas, escritas com calor, com sinceridade e com notória, são páginas que há-de ficar, para mais tarde, por elas, se fazer a história política portuguesa.

D. Nuno.

Tito Martins



Um de jornalista ilustre, com uma larga carreira de serviços prestados à causa da imprensa portuguesa, Tito Martins é um escritor de grandes recursos literários, vindo a assinar obras de incontestável mérito. Publicou recentemente um volume de novelas, com o título «33 crimes impunes». Todas elas são escritas em linguagem fluente, com páginas cheias de observação e de conceitos salutarres, lendo-se com interesse e agrado crescente.

Alvaro Canelas



Voltou a expor alguns dos seus trabalhos o conhecido artista Alvaro Canelas. Depois de ter abordado a caricatura, a illustração e até a pintura, mostraram-nos nova faceta do seu valor: o desenho dos monumentos e de velhos recantos de Lisboa e da provincia. Revela-se um interessante aguafortista. Alvaro Canelas, nostro país, que não Portugal, pela sua personalidade, seria algum. Entre nós, porém, necessita não desanimar e ter, ainda mais, persistência no trabalho para poder, um dia, vencer.

Paulo Freire (Mário)



O jornalista Paulo Freire (Mário) renoua agora, em volume, os seus artigos publicados no «Diário da Noite», Deu-lhe o título de «Vila República» e como sub-título: «Dois anos de luta ao parapeito do «Diário da Noite». É um punhal de crónicas, escritas com calor, com sinceridade e com notória, são páginas que há-de ficar, para mais tarde, por elas, se fazer a história política portuguesa.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

O «Caldas» — ex-«Douro» foi entregue à República Colombiana



rol Yarrow, Eduardo Luiz Pinto Basto, comandante Hunt, David Zagury, engenheiro Maurício Tabat, director da Sociedade Colibrições Navaes, Gago de Medeiros e Almir Martins; José Contreras, comandante Hortas, da marinha mercante, José Lisboa, Melo Abreu, numerosas senhoras, etc.

Como representantes diplomáticos da Colômbia estavam presentes os sr.s: Manuel Aya, encarregado de Negócios em Lisboa, com sua esposa, que é filha do presidente da República da Colômbia, e engenheiro Alvaro dos Santos Lima, cônsul geral em Portugal.

Ao içar da bandeira colombiana todos os civis se descobriram e os militares perfilaram-se em continência. A senhora de Manuel Aya, logo lentamente a bandeira do seu país, à popa do contratorpedeiro, tina orquestra execução, primeiro, o hino colombiano, e depois o português, ouvidos no meio de profundo silêncio. Na marinha, algumas dezenas de curiosos assistiam também, de cabeça descoberta, à cerimônia.

Uma Cidade Olímpica em Lisboa



Os arquitectos Jorge Segurado e António Varela elaboraram o projecto dum plano geral de distribuição duma Cidade Olímpica para Lisboa. A respectiva planta de conjunto, foi exposta no atelier do primeiro. O projecto elaborado é apenas o dum plano urbanístico dos locais a utilizar não só pela Cidade Olímpica, como pelo seu complemento de hipódromo e autódromo e instalações anexas.

O local escolhido é a zona do Campo Grande e adjacentes, onde hoje se encontram o hipódromo do Jockey Club e o campo de «football» do Estádio. No prolongamento do eixo longitudinal do Campo Grande fica o antigo espectáculo de base do grande Estádio Nacional a construir com lotação de cem mil espectadores. A ligação seria feita por uma larga avenida de 50 metros de largura, a entrada da qual se elevaria um pórtico monumental. Em volta, seriam construídos os edifícios previstos pelo conceito respectivo: restaurante, Casa dos Estudantes, pavilhão destinado à luta, chaminé e esgrima, edificio da Escola de Educação Física, piscina de natação, campos de tennis, etc.

Jaime Silva (filho)



Realizou um brilhante concurso, no Conservatório de Música, para a cadeira de piano, o ilustre artista Jaime Silva (filho), nome já muito conhecido no meio musical.

O jurá, presidido pelo sr. dr. João Dantas, e que era composto pelos professores Viana da Mota, Marcos Garin, Varela Gid e Luiz de Freitas Branco, aprovou o candidato por unanimidade, em merito absouto. Tanto na tese — exposição escrita sobre a história e literatura, pedagogia e metodologia do piano — como na parte técnica — em que executou brilhantemente os 21 preludios de Chopin, Jaime Silva (filho) houve-se de maneira a merecer os elogios de todos os mestres presentes. Evidenciou um raro temperamento pedagógico e uma rara erudição musical.

Amadeu de Freitas (Filho)



A casa de ser posto à venda um livro de Amadeu de Freitas (filho) intitulado «D. Carlos». O nome do autor — jornalista de grandes qualidades — e o assunto da obra — suggestivo para o leitor e a augurar ao trabalho, apresentado como reportagem dramática, feita em diálogo teatral, um belo êxito de livreria. A crítica vai falar e certos estamos de que apreciará, como deve, tão interessante volume, que borda uma época agitada da politica nacional.

José de Esaguy



Está publicado já o terceiro tomo d'uma obra que será o melhor representante da vida árabe das zonas espanholas e francezas do norte de Africa publicado na nossa lingua. Intitula-se «Marrocos» e é seu autor o sr. José de Esaguy, antigo consul de Portugal em Fez e escritor-investigador distinto. Insere-se os três tomos vindos a lume um vez de fotografuras e de tricomas de grande valor histórico.



FAIAL — Montanha do Pico vista do Faial

bem a sua terra antes de procurar sensações novas em terras estranhas.

As nossas ilhas adjacentes, terras bem portuguesas, situadas a pouca distância da capital, são ainda desconhecidas de grande número de portugueses. E, no entanto, a Madeira e os Açores possuem belezas naturais que justificam plenamente um cruzeiro. É possível fazer este cruzeiro em 17 dias de agradável viagem, tocando em 12 portos diferentes, em excelente condições de comodidade.

Dois dias depois de sair de Lisboa, o viajante encontra-se na baía do Funchal. A cidade sob do mar em anfiteatro. As árvores dos jardins as percianas verdes das janelas, aqui e acolá a mancha lilaz dum açarandá em flor, muros inteiros cobertos de bougainvílias roxas e vermelho-fogo, formam uma sinfonia riquíssima de cores.

A Madeira é, já há muitos anos, um centro de turismo internacional. Tem hotéis de primeira ordem e a cidade apresenta um aspecto curioso devido à mistura do cunho cosmopolita, com os costumes regionais.

A cidade é pavimentada com seixos redondos cujo tom escuro contrasta com as cores claras das casas. Sobre esta calçada, deslizam os tradicionais carros munidos de patins e puxados a bois.

HOJE em dia as viagens estão ao alcance de todos. Por toda a parte as companhias de navegação e de caminhos de ferro baixam os seus preços, organizam cruzeiros e esta distração que dantes era exclusivo privilégio dos ricos pode hoje ser disfrutada por todos aqueles que queiram passar umas férias agradáveis, enriquecendo o espírito com sensações novas e trazendo gravadas na retina as belezas que viram.

A medida que a luta pela vida vai sendo mais intensa, mais necessário se torna o descanso absoluto de espírito que uma viagem proporciona, durante um mês de férias, mostrando-nos paisagens desconhecidas, costumes regionais diferentes, que absorvem a nossa atenção e afugentam as preocupações e as arrelias da vida de todos os dias.

Os portugueses que viajam, — e já hoje é grande este número —, preferem muitas vezes ir para o estrangeiro, para sítios indicados pelo Bedaeker, que convencionalmente acham maravilhosos; e, na maior parte das vezes, sem sair do seu país, o viajante acharia paisagens tão belas e mais originais, do que as desejaria encontrar além-fronteiras.

Quantas vezes não ouvimos dizer, agora que o bom estado das estradas nos permite percorrer o país de norte a sul: «Portugal é bem mais lindo do que eu pensava.» Para muitos o próprio país é uma revelação.

O sentimento de patriotismo, mixto de amor, de orgulho, e de admiração, desenvolve-se não só pelo conhecimento das tradições históricas e dos feitos dum povo afirmando a sua nacionalidade, mas também pelo conhecimento da terra em si, da sua beleza, do seu aspecto físico; porisso é um dever patriótico conhecer

MADEIRA E AÇORES

Uma excursão de dezassete dias

luzes vão acompanhando o vapor, à medida que ele segue ao longo da costa oeste, em direcção aos Açores. Finalmente o vapor passa pela ponta do Pargo, extremo ocidental da ilha, grande sombra negra caindo a pique sobre o mar.

Trinta horas de viagem levam os viajantes à ilha de Santa Maria, fundeando o vapor com pouca demora na Vila do Porto. Esta ilha é a única do arquipélago que não é de origem vulcânica e daí a suposição de ser um vestígio da antiga Atlântida.

Nesse mesmo dia o vapor chega à ilha de S. Miguel. É a maior do arquipélago e a cidade de Ponta Delgada uma das mais importantes dos Açores. A cincuenta quilómetros da cidade fica o vale das Furnas, maravilha de nascentes, de ribeiros e de vegetação. As águas medicinais que lá se encontram são das mais ricas que se conhecem no mundo pela sua variedade, havendo dezenas de nascentes de variadíssimas composições minerais. É nas Furnas que se veem as «caldeiras», pequenas crateras de onde sai água em ebulição ou lama, com vapor de água e emanações de enxofre. Outra excursão de grande interesse é ao alto da cumieira das Sete-Cidades, donde se vê no fundo duma grande cratera extinta dois lagos ligados entre si. Quando o céu está limpo de nuvens a água dum dos lagos é azul e a do outro é verde. Esta diferença de cores deu origem a uma lenda de sabor antigo onde se fala de reis, de castelos encantados e de uma linda princesa. E, de facto, diante do panorama feérico que se nos depara não é difícil acreditar nas lendas.

Quer para ir às Sete-Cidades, quer para ir às Furnas as estradas em zigue-zague são dum grande pitoresco e, a cada curva, mostram-nos um cenário diferente e absolutamente inédito para os continentais.



FUNCHAL — Vista geral da vila

Os antigos vu'cões transformaram-se em colinas verdejantes e as crateras, geralmente rasgadas num dos lados emergiram-se de vegetação pujante.

O clima desta ilha é semelhante ao do Japão e por isso dão-se lá bem muitas plantas de origem japonesa, entre outras o chá e a criptomeria. Os bosques destas árvores, acompanhando-nos ao longo da estrada fazem-nos lembrar a avenida de criptomerias seculares que, devido à promessa dum samurai, se estende por léguas e léguas e termina na cidade sagrada de Kyoto.

O vapor sai à noite de Ponta Delgada e, ao acordar o viajante encontra-se em frente de Angra do Heroísmo, capital da Terceira. Esta cidade era antigamente a mais importante do arquipélago e ainda hoje é das mais interessantes. Era escala obrigatória das caravelas no seu regresso a Lisboa carregadas com as riquezas da Índia e o ouro da Guiné. Indica-se um passeio a pé pela cidade de ruas bem alinhadas, onde se podem ver casas solarengas, algumas muito interessantes, o jardim público bonito e bem tratado, a catedral, a igreja de S. Francisco onde está enterrado Paulo da Gama. A oeste da cidade fica a península formada pelo Monte-Brasil, onde foi construído o forte de S. João Batista durante a usurpação espanhola. Do alto do Monte-Brasil a vista é lindíssima sobre a cidade e seus arredores numa vasta extensão.

Sob o ponto de vista dos costumes é talvez esta ilha a mais interessante do arquipélago, devido em grande parte ao papel histórico que desempenhou durante a ocupação espanhola, e durante as lutas entre absolutistas e liberais.

Embora mais pequenas, não são menos dignas de apreço as ilhas restantes que formam a seqüência do cruzeiro.



SETE CIDADES — Vista parcial do lago

Para com tôdas a natureza foi pródiga de encantos, deu a tôdas um ar de família, mas não fez nenhuma parecida. Até ao fim do cruzeiro o viajante terá sensações inéditas e ficará maravilhado com a acumulação das belezas naturais e variadas.

Assim, a Graciosa oferece aos seus visitantes um espectáculo de incomparável interesse como é a Caldeira e a Furna do Enxofre. A Caldeira é uma cratera extinta, coberta duma vegetação rasteira donde emergem penedos enormes de forma estranha. Ao centro há uma lagoa e, mais além, abre-se no chão uma fenda de vinte metros de largura, afunilada, no fundo da qual o olhar se perde em trevas. Os amadores de sensações fortes poderão experimentar uma descida a essa fenda, suspensos por uma corda. Ao fim de algumas dezenas de metros de descida chega-se ao fundo duma gruta circular de uns 400 metros de diâmetro. A abóbada fica a uns quarenta metros de altura. Metade da gruta é formada por um lago cuja profundidade ainda não foi averiguada. A um canto da gruta há uma pequena nascente sulfurosa donde corre uma água fortemente mineralizada emanando vapores de enxofre. É de notar que este curioso fenómeno geológico ainda não foi estudado pelos sábios. Uma visita a esta gruta representa uma sensação que dificilmente se esquece.

Da Graciosa segue-se para S. Jorge, cujo litoral é formado quasi totalmente por escarpas cortadas a pique sobre o mar. O mar é aqui profundo e os barcos navegam em geral, a pouca distância da costa permitindo apreciar o deslumbrante panorama da ilha.

Ao sair da Vila das Velas na ilha de Jorge o vapor percorre as 11 milhas que o separam da ilha do Pico. O viajante esquece-se então que está no meio do Atlântico e, entre S. Jorge, Pico e Fayal, vendo mais ao longe a Graciosa, tem a impressão de navegar num lago.

Um dos maiores esplendores que o arquipélago reserva aos seus visitantes é o cone agudíssimo do Pico que se ergue a 2.730 metros de altura, a oeste da ilha a que dá o nome. É penosa a ascensão mas o maravilhoso espectáculo que se disfruta lá de cima compensa bem os sacrifícios. Este panorama é sobretudo impressionante por as faldas do Pico se erguerem quasi verticalmente para o céu.

Segue-se o Faial, cuja capital, a Horta é uma estação importante na rede interna-



Vendedor de bilhas

cional dos cabos submarinos. Daí a existência duma importante população estrangeira, que vem dar uma nota cosmopolita à cidade, alegre e limpa, estendendo-se ao longo da praia. Uma das atrações turísticas da ilha é a excursão à Caldeira, vasta cavidade que mede dois quilómetros de diâmetro e 400 metros de profundidade. A volta à ilha de automóvel é um passeio cheio de pitoresco.

Veem, por fim, Flôres e Côrvo, duas pequenas ilhas dignas de menção não só pelas suas belezas naturais, como pelo carácter primitivo dos usos e costumes da sua reduzida população.

Quem fizer este cruzeiro nos meses de Junho ou Julho ficará deslumbrado com as hortenses em flor que aparecem pela primeira vez em S. Miguel. Por todas as ilhas dos Açores, ao longo das estradas revestindo os taludes, chegando às vezes a 3 e 4 metros de altura, cobrindo por completo as margens da Lagoa Funda, na ilha das Flôres, devidando as fertilíssimas pastagens da ilha de S. Jorge com riscos azues, a profusão destas flôres formam um dos inolvidáveis encantos deste arquipélago.

Por este breve resumo pode avaliar o enorme interesse que oferece um cruzeiro à Madeira e aos Açores.

Importa orientar neste sentido o turismo nacional. Muito contribuiu já para isso a Empresa Insulana, criando facilidades para a realização do cruzeiro por meio das suas linhas de navegação.

Toda a propaganda neste sentido é, sem dúvida, meritória. Por isso aqui lhe damos a nossa colaboração, fazendo votos para que as nossas palavras tenham despertado em algum leitor o desejo de conhecer essas terras encantadoras e encantadas do Atlântico.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

AVISO

A fim de atender solicitações de confrades de África que desejam concorrer como decifreadores, suspendemos pelo espaço indispensável a publicação dos Apuramentos, devendo os resultados do n.º 7 aparecer no *Desporto* n.º 13.

TI-BEADO

Dêste ilustre confrade de Luanda recebemos, além de valiosa colaboração, listas de decifrações referentes aos n.ºs 1 a 4 de *Desporto Mental*, as quais, em virtude da insuficiência de prazo para os confrades de além mar e porque os respectivos apuramentos já foram publicados, não puderam ser consideradas.

Como, porém, não achamos justo que o esforço de *Ti-Beado* fique ignorado, aqui explanamos o facto, com um voto de louvor pelas suas deferências com a nossa secção.

IMPRESA

Ala Esquerda, de Beja. — Insete uma desenvolvida secção charadística. «Ala Edípica», sob a competente direcção de «Lérias», que ao charadismo vem dando o melhor do seu esforço. Longa vida e muitas prosperidades é o que sinceramente lhe desejamos.

Gazeta, de Ponta Delgada. — Com regularidade, temos recebido este interessante semanário micaelense, em que *Jobema* (...) continua a orientar, com competência e brilho, a sua secção charadística «Edipismo». Os nossos agradecimentos.

CORREIO

Irangerque, Coimbra; *Viola*, Nêlito, Oesav, *Justa*, *Ignotus Sum*, Paços de Brandão; *Zé Agá*, Espinho. — Com os nossos melhores agradecimentos, acusamos o recebimento da prestante colaboração que tiveram a gentileza de nos enviar.

CHARADAS

MEFISTOFÉLICAS

1) O «governador árabe» apaixonou-se por uma «mulher» sem valor (2-2) 3.

Lisboa Lérias (T. E.)

2) O acanhado ruboriza-se, quando fita uma mulher ridícula. (2-2) 3.

Luanda Ti-Beado

3) É fanfarronice, segundo «atinjo», afirmares que o animal foi mal castrado. (2-2) 3.

Lisboa Xicantunes

CHARADAS NOVÍSSIMAS

4) Falha de inteligência, a «mulher» torna-se escrava de imitação viciosa. 2-3.

Belém do Pará Athenas (A. C. L. B.)

5) Gonçalves «Zarco» foi o primeiro homem que amou esta rapariga. 2-1.

Lisboa Fernambelo

6) Lealdade! Nunca a usou um «homem» hipócrita. 1-2.

Ponta Delgada Jobema (...)

7) O estudante «folga» dizendo que vive isolado, mas no fim do ano vê o resultado inútil de todo o seu estudo. 3-1.

Paços de Brandão Justa (F. C. B.).

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 11

8) Era confusa a doença do iniciador dessa sociedade. 2-2.

Lisboa Lérias (T. E.)

9) A tua carta arrebatá-me! — E que tristeza eu sinto de saber longe de mim o teu mágico rosto! 3-1.

Lisboa Moreninha

(Dedicado a «Carlos Elmano»)

10) No fundo da sala há um «novo» guardajóias. 1-2.

Lisboa Reinadió (S. C. L. T. E.)

11) O deus dos pastores, com a sua teima obstinada, rebaixou-lhe a soberba. 1-2.

Lisboa Sàcrista (T. E.)

12) «Nota» como está brando o lago. 1-2.

Lisboa Vidalegre

13) Um assunto tratado dum modo tão solitário torna um homem brioso. 2-1.

Paços de Brandão Viola (T. C. B.)

14) Em que vês tu direito para essa tua questão? 1-1.

Lisboa Xicantunes

SINCOPADAS

15) Há quem coma corvo marinho com pepino do Egipto. 3-2.

Belém do Pará Athenas (A. C. L. B.)

(A «Carlos Elmano», campeão enigmático).

16) V. é do charadismo o mais enérgico entusiasta; e não há enigmático com maior habilidade. 3-2.

Lisboa Doridóflies (T. E. e S. C. L.)

(À minha «Acirema»)

17) Uma boa recordação é, dum momento feliz, o último fragmento. 3-2.

Ponta Delgada Jobema (...)

18) Não sou nenhum valentão, Nem também o quero ser. Só tenho uma perfeição: Sei escrever e sei ler. 3-2.

Paços de Brandão Netito.

19) Há dificuldade em andar no caminho cerrado por árvores. 3-2.

Lisboa «Ólho de Lince» (T. E.—T. E. L.)

(Ao taberneiro da minha rua...)

20) Você quer impigir-me água-pé por vinho, seu pedaço de asno? 3-2.

Lisboa Reinadió (S. C. L.—T. E.)

21) Anda aos tombos quem vem de festas de casamento. 3-2.

Luanda Ti-Beado

(Ao «Sàcrista» com um abraço)

22) O inocente tem confiança e em tudo acredita; o criminoso de tudo desconfia e nada estima. 3-2.

Lisboa Valério (S. C. L.)

23) «Mulheres!» Mas que valem as «mulheres»? ... 3-2.

Lisboa Xicantunes

LOGOGRIFOS

MONDEGO

(Saüdando o Director)

LOGOGRIFOS

MONDEGO

(Saüdando o Director)

24) Águas mansas do Mondego, Que correis sempre a rezar... Num canto escasso passais — 6-1-4-9-7 Ternamente a suspirar...

Dais nos seixos mil beijinhos, Passais alvas, sem mixórdia, — 6-3-4-7-8-2-10

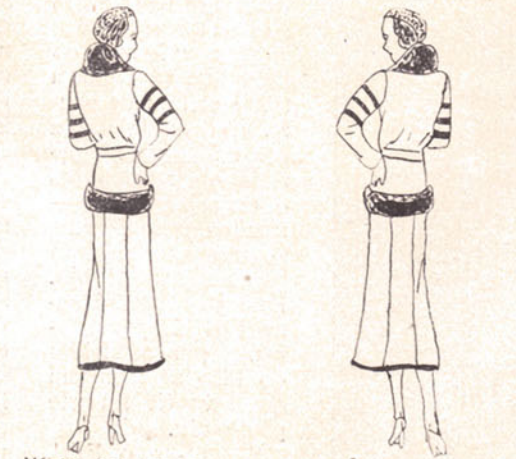
Sem indícios de impurezas, Ninfas belas de concórdia...

Sinto no peito, ao olhar-vos. Não sei que «transformação»... — 10 Julgo sentir-vos rezar... Cá dentro do coração...

Quando me afasto de vós, É vos perco um só momento, — 3 Levo comigo a saúde, — E a saúde é um sofrimento...

E às vezes, com embaraço, Ponho-me a olhar-vos. É q'ria Como vós viver rezando Tõda a vida, noite e dia...

Paços de Brandão Ignotus Sum (T. E.—T. C. B.)

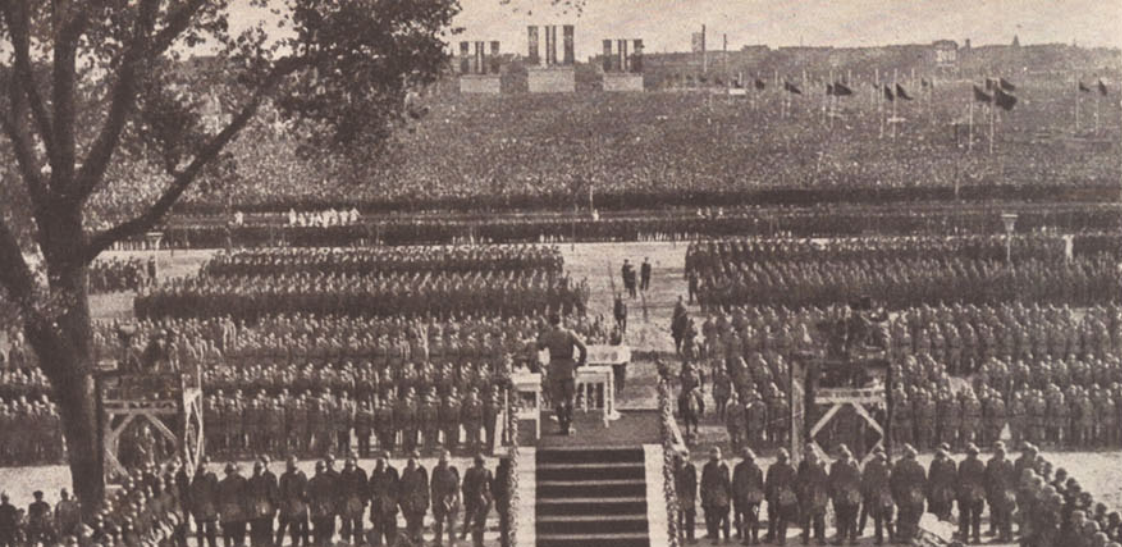


Lisboa Micles de Tricles (T. E.)

Tõda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

PELAS SETE PARTIDAS DO MUNDO

Inglaterra e França



A Festa do Trabalho em Berlim

O regime hitleriano transformou o dia 1.º de Maio — que em todo o mundo é dedicado às reivindicações sociais — numa grande festa nacional: a Festa do Trabalho. Em Berlim, realizou-se, nesse dia, uma formidável parada das forças nazis no campo de Tempelhof.



O indesejável universal



TROTSKY, o revolucionário errante, foi agora expulso de França pela segunda vez. Ei-lo, fotografado ao lado de sua esposa, quando a polícia francesa o descobriu numa aldeia nas proximidades de Paris.



O presidente Doumer

No dia 7 de Maio passou o segundo aniversário da morte trágica do presidente Doumer. O actual chefe do Estado francês, Albert Lebrun, acompanhado de sua esposa, foi ao cemitério de Vaugirard, depôr flores no túmulo do seu antecessor.

O novo embaixador inglês em França é sir George Clerk. Entregou há dias as credenciais ao presidente Lebrun. Trocaram-se discursos protocolares, mas um tanto significativos no que diz respeito ao futuro...

Concurso hípico

O ex-Kronprinz esteve recentemente em Roma onde assistiu ao Concurso Hípico Internacional. A fotografia, que abaixo publicamos, mostra-nos o filho do ex-Kaiser conversando animadamente com os oficiais franceses. A guerra já lá vai há 16 anos...



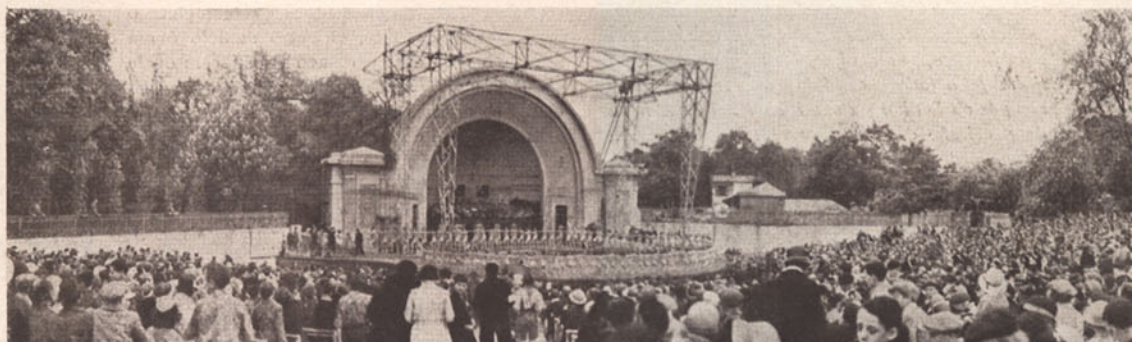
O "Dia da Criança" no Jardim Zoológico de Paris

Na quinta-feira da Ascensão, cerca de 30.000 crianças assistiram a uma festa infantil no Jardim Zoológico de Paris. Concorreram a ela todas as grandes figuras do teatro francês, do cinema e do desporto. Houve bailados e câoros, nos quais entraram perto de mil e quinhentas crianças. Antes de se iniciar o vasto programa, apresentaram-se no palco com alunos e alunas, que melhores classificações tinham nas suas escolas.



Um combate de "box"

PAULINO Uzcudun — o espanhol que foi campeão da Europa — e Max Schemeling — o alemão que ostentou o título de campeão do mundo — bateram-se ao «box», há dias, no Estádio de Montjuich, de Barcelona. Após numerosos rounds fizeram um combate nulo.





PÁGINAS DA MULHER

lheiro, no local da aparição e onde já ha a igreja penitenciaría e o principio do templo monumental com a sua frontaria magestosa e escadaria soberba, estava completamente cheio de peregrinos com a sua vela na mão. O efeito é surpreendente e comovente, numa noite macia em que as estrélas brilhavam e uma levíssima neblina, punha no horisonte um suave tom de gaze velando a beleza magestosa, as luzes imensas que empalideciam as estrélas impressionavam como se nós vissemos em cada luz oscilante de velinha, um coração a arder em amor divino. Eu já assisti muitas vezes ás procissões em Lourdes, tenho visto a fé que acende a alma de peregrinos de todo o mundo, mas impressionou-me mais profundamente a fé impulsiva e ingénua do rude povo de Portugal. E profundamente senti a influência que a fé tem na índole humana. Habituada a ver entre nós, um feroz egoismo na conquista de lugares, a ser rudemente empurrada e atropelada por toda a parte, vi com espanto a fraternidade brilhar como uma estréla, no sagrado recinto de Fátima e todos cederem os seus lugares combinavam a maneira de estar melhor, e a senhora afastar-se para que o velhinho serrano, apoiado no seu cajado, melhor pudesse ver o rosto da imagem adorada. E depois da meia noite durante a adoração do Santíssimo Sacramento, nessa atmosfera suave duma linda noite, quando as raparigas do campo próximo de mim, numa alucinação de luz viram a imagem branca da suave, Virgem emoldurada no pórtico de entrada, eu via-a também.

A fé é uma das mais altas expressões do sentimento humano. O crente vive no extasis da sua crença e nela encontra a consolação de todos os seus males, nela tem as suas maiores alegrias. O homem que não crê, atinge a mais triste profundidade de não existir e se tem uma dôr, se a adversidade o fêre, encontra-se só numa extensão deserta, mais árida do que uma estérpe russa coberta do gelo impiedoso do inverno. Mas se a fé isolada é sempre um bem que se possui, uma manifestação coletiva de fé é das coisas mais emocionantes que se podem contemplar e ainda ha dias tive essa grande sensação em Fátima.

Fátima milagrosa, não é como Lourdes num local aprazível. Nossa Senhora ao escolher Portugal para fazer a sua aparição e para prometer aos portugueses uma era de paz na sua proteção, poz á prova a fé. Porque ir a Fátima assistir ás cerimónias religiosas representa um sacrificio de comodidades e de bem-estar, pelo menos durante uma noite. O local não tem beleza própria e a que ás vezes tem, empresta-lha a fé ardente das populações, do povo fiel á Mãe de Deus. Este ano a peregrinação de 18 de Maio foi uma soberba manifestação da fé do povo português. Sábado á tarde chegavam de toda a parte as "camionettes", os automóveis em fila compacta e ininterrupta, nas duas estradas que servem a Cova da Iria. Viam-se "camionettes", que vinham de Traz-os-Montes, do Alto Minho e outras vindas de Vila Real de Santo António e nessas, muitos espanhois, vinham também prestar o seu culto a Nossa Senhora, no local onde Ela se dignou aparecer a três humildes e ignorantes pastorinhos, inocentes e puros filhos do povo, criados nos montes ásperos lidando apenas com as suas brancas ovelhinhas. Na multidão, que á noite havia em Fátima, via-se de tudo. Desde a gente alta da aristocracia, da indústria e da finança, ao mais humilde serrano, que a pé tinha feito todo o caminho, para ir manifestar aos pés da Senhora a sua inabalável fé. A hora da procissão das velas o recinto em que está a imagem de Nossa Senhora, num humilde te-

desenho em quadrados pretos e brancos. As suas mangas tufadas e o decote em quadrado completam a originalidade e o modernismo d'êste vestido. Ao lado um vestido em «lamé d'or» tramado de seda artificial com um lindo «drapé» atraz é um vestido de alta elegância. Como chapeu temos o chapeu grande em grande triunfo. Damos hoje um lindo modelo em palha «bise», copa quadrada, uma fita de «gros grain bis» uma grande flor e eis aqui um lindo chapeu de alta elegância e que favorece muito a linda mulher que o usar. Como penteado, temos um lindo penteado em que se podem inspirar as mulheres de pescoço alto e elegante e cara estreita. É uma indicação preciosa mas é preciso pensar que esta maneira de arranjar a cabeleira, necessita habilidade da parte das senhoras que a queiram conservar depois do cabeleireiro a fazer. A risca é à esquerda, a testa livre e os cabelos até aos caracóis bem chegados á cabeça. É um penteado elegantissimo e duma grande distinção.

Vítimas da moda

A moda dos sapatos e das carteiras de pele de serpente, muito espalhada na América e na Europa, causou um verdadeiro extremínio no reino dos réptis. Como êles vivem principalmente na ilha de Java, a caça está ali concentrada, e, quasi tôda nas mãos dos Batat, que fizeram dela uma sua indústria. Os Batat são de origem árabe e abriram uma grande loja para a venda das peles de serpente na rua 35 em Nova York e uma fabrica de curtir em Francfort dirigida por um seu primo Eduardo Batat. O chefe da família e da indústria é Esra, o qual tem o encargo da caça no interior da ilha de Java. Acompanhado de cinco ou seis indígenas, que trabalham pela mísera quantia de 25 centavos por dia, Esra, dirige a caça das serpentes. Uma caça que não é tão simples como á primeira

Esqueci um momento que ha faróis nos automóveis, que ha paredes brancas onde êles se refletem, e nesse ambiente de elevação ao sublime, ao superior, ha qualquer coisa a que a humanidade aspira, pareceu-me ver nesse vulto branco que a nossa imaginação excitada via; uma promessa de felicidade superior a tudo que na terra existe. O adeus á Virgem e a benção dos doentes é uma das comoventes cerimónias. Alguem pouco praticante disse-me que sem querer as lágrimas lhe corriam em fio pelas faces. E é preciso ter visto mais de 200 mil pessoas chorarem num comovido adeus á imagem, que acima das suas cabeças parairava, para compreender que a humanidade precisa duma crença superior, dum ideal acima de tudo e que êsse ideal e essa crença, que une milhares de almas numa só, só a fé a pode dar.

Maria de Eça.

A moda

TRAZ-NOS êste ano a moda uma linda novidade: os vestidos de renda de linho, aproveitada para fazer leves e encantadoras «toilettes» de praia e de campo. Damos hoje ás nossas leitoras dois lindos modelos. Um em renda «degradée» do azul claro ao azul escuro, tem uma linda gola «drapée» que termina por uma comprida gravata azul escuro atada adeante. Uma grande «capoline» em renda azul escura completa o interessante conjunto. O outro modelo é em renda «beige» com o casaco forrado em opale «beige» mais escuro. O chapeu é em palha «beige» dos dois tons: Maggy Rauff apresentamos para a noite numa ocasião em que o «surah» triunfa um vestido em «surah» artificial um belo





vista poderá parecer. O caçador apenas vestido com uns calções e uns sapatos, deve saber preparar as ratoeiras para as serpentes de água, e, deve saber matá-las com uma pancada na cabeça ou se o animal é pequeno adapta-se um outro método, o chamado do tabaco. O réptil é obrigado de qualquer maneira a abrir a bôca e a emitir um som, o caçador aproveita êsse momento para lhe meter na bôca uma mão cheia de tabaco, isto embarça-o de tal maneira que se deixa facilmente apanhar. Para os grandes o método é outro e pode ser perigoso. É preciso esperar a escuridão da noite. Então Esra percorre a «jungle» iluminando com uma lâmpada eléctrica, os ramos mais baixos das árvores. Apenas a luz acorda uma das serpentes os indígenas abatem-na com uma pancada na testa. Esta pancada porém ainda que quasi sempre mortal acorda no réptil o instinto de defeza, volta-se rapidamente e deixa-se cair das árvores quando as forças o abandonam. Mas ao voltar-se pode acontecer que lançando o seu longo corpo no ar êste se enrola nalgum dos indígenas. É por isso que todos levam uma faca para o acabar. O corte da lâmina estraga bastante a pele e diminue-lhe o valor, portanto só se recorre a isso quando não pode deixar de ser. E assim a moda faz exterminar os animais e põe muitas vezes em risco a vida dos homens.

Um herói de romance

Foi inaugurada há tempo a estátua do celebre D'Artagnan, um dos heróis das mais conhecidos romances de Alexandre Dumas. A estatua eleva-se aos pés da monumental escada que em tudo põe em comunicação as margens do Gers com a capital da Gasconha. D'Artagnan, a Gasconha, o Gers, três nomes inseparáveis.

A gente do norte têm uma tendência generosa, para engrandecer a Gasconha, colocam ali com facilidade kerygueny, Toulousé e algumas vezes Carcassone. A geografia das escadas restringe esta provincia ás Landes, aos Altos Pirineús e ao Gers e os habitantes daqueles departamentos riveidicam legitimamente o nome de Gascões; mas as Landes têm um caracter próprio, os Altos Pirineús ligam-se ao Bearú; na verdade o verdadeiro coração da Gasconha, e o Gers e a cidade que representa aquêla interessante provincia da França é Auché. «Oh! terre de Gascogne, oh! terre de beauté», dizia Armand Silvestre. Ali nos confins de Armagnac; entre as colinas, em frente dos Pirineús azuis, nasceu D'Artagnan no século XVIII.

E foi dali que êle partiu sôbre o seu pequeno cavalo, com a bolsa pouco guarnecida, à procura de aventuras. Encontrou-as em Paris, onde se distinguiu, pelo seu espirito, pelos seus amôres,

e, os seus duêlos; conquistou a confiança do rei, mostrou o seu valor nas caminhadas, até ao dia em que caíu gloriosamente deante de Mistrich, na vespera de ser nomeado marechal de França. E aquele cadête de Gasconha encarnou tão bem o tipo da raça, que Alexandre Dumas fez d'êle herói do romance e imortalisou-o na lenda. Assim os gascões então reconhecidos a D'Artagnan, de ter nascido entre êles e de se ter tornado imortal. O seu prestigio é tal que sôb o seu nome, fez-se a união sagrada. dum departamento, onde como êle, as pessoas gostam de combater e combater-se entre si. E fazendo-lhe uma bela estátua uniram-se tôdos num mesmo sentimento para saudar a memória do homem, que a seu vêr melhor representou o espirito de tôdos os habitantes daquela interessante provincia.

Na França republicana

É interessante conhecer um pouco o que têm sido as esposas dos presidentes da República francesa, de 1873 até há pouco. São interessantes figuras de mulher as que se têm sucedido no Eliseu. A primeira, M.^{me} Thiers, inteligente, literata, foi para o libertador do território ocupado pelos prussianos, uma incomparável companheira, e, quando Thiers abandonou o poder, aceitou a situação com a mesma graça, com que tinha aceitado o período da grandeza. Com o seu affecto alegrou os últimos anos daquelle que foi seu marido quasi meio século. A marechala de Mac-Mahon era o tipo da senhora aristocrata, mas nunca apparecia nas cerimónias officiais e preferia manter-se afastada. M.^{me} Grevy que sintetisava as mais sólidas qualidades da burguezia francesa, manteve no Eliseu os seus hábitos duma vida modesta e simples. M.^{me} Sadi Carnot, foi a primeira presidente, que pelos seus méritos pessoais fez o seu lugar, salientando-se ao lado de seu marido. Era a bondade personificada e a sua caridade, gentileza e distincção tornaram-se proverbiais. M.^{me} Casimir Périer, duma grande beleza e elegância, muito mundana e adorando a sociedade, apenas passou pelo Eliseu. M.^{me} Felix Faure muito modesta e desejando viver retirada pois só a vida de família lhe agradava, abdicou de todos os seus poderes em sua filha M.^{me} Lucie Faure Gayot. Mulher dum alto espirito e de extensa cultura, ella fez do Eliseu, um centro intellectual, dos mais interessantes de Paris. M.^{me} Loubet, que também preferia a vida simples e de família, sabia muito bem receber os convidados do Eliseu. M.^{me} Fallières mostrou-se sempre digna da sua alta situação, aceitando de bom grado, todas as honras do cargo. M.^{me} Poincaré que lhe sucedeu, possuia todas as qualidades para ser a presidente ideal

e sem um momento de cansaço e de desânimo, atravessou a época mais terrível da história, a Grande Guerra mantendo-se sempre a altura da sua situação, com uma coragem, e uma graciosidade ingualáveis. É o «Excelsior» o grande jornal parisiense, que faz o elogio das presidentes.

Os animais e a guerra

A grande guerra, não foi uma terrível prova e uma tremenda hécatombe só para os homens que combatiam uns contra os outros, mas também para os animais que foram dezimados aos milhares, sobretudo pelo fogo da artilheria. Agora um escritor inglês publicou um livro destinado a imortalisar a lembrança do heroismo dos animais durante a guerra, e que se intitula «Animal War Herois». Neste livro um dos mais interessantes capitulos é dedicado aos cães «Mascottes» dos regimentos. Dadas porém as dificuldades encontradas no fazer a biografia destes obscuros heróis, o escritor por meio da imprensa dirigiu um apêlo ao público para que fossem fornecidas informações e documentos a esse propósito. Desejou saber o que foi feito de «Peggy» o «bul-dog mascotte» do couraçado inglês «Frou-Duke», de «Max» cão russo que foi feito prisioneiro pelos alemães e depois libertado pelos ingleses, de «Jimmy» o lindo gato siamês que passejava tranquilamente na ponte do couraçado inglês «Renown» que passava na tólda, enquanto se desenrolavam os mais furiosos combates navais. E assim nêsse belo livro, êle pôde dizer não onde estão, ou como terminaram os seus dias estes fieis e peludos companheiros do sacrificio e da glória dos combatentes.

Pensamentos

Não há melhor entendimento no matrimónio, do que quando os conjugues desculpam um ao outro as suas tolices.

O nosso inimigo é o nosso criado.

Os delicados são infelizes, nada os satisfaz.



PIM DE PESTA

Problema de Bridge

Espadas — — — — —
 Copas — R, D.
 Ouros — 5.
 Paus — D., 10, 9, 5.

Espadas — 8, 7, 6, **N** Espadas — R., 10.
 5. Copas — — — — —
 Copas — V., 5. **O E** — — — — —
 Ouros — — — — —. Ouros — 10.
 Paus — V. **S** Paus — 8, 7, 6, 4

Espadas — V., 9, 3.
 Copas — — — — —.
 Ouros — V.
 Paus — A., R., 3.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer as vasas tôdas.

(Solução do número anterior)

S joga o sete de oiros e N deixa-o continuar com a mão. S joga, a seguir, paus, O cobre e N balda-se a espadas. E deita também espadas. O joga um trunfo pequeno que E cobre. Quando E joga espadas, se O corta com o trunfo pequeno N recorta e joga uma carta pequena de oiros que S corta com a sua dama. Nestas condições ã E e O não podem fazer senão o ás de trunfo.

Se N cortar paus, E recorta e joga espadas e O corta com o seis. De toda a maneira O não poderá fazer senão o seu ás de trunfo.

O triângulo de cópas



Pelo diagrama junto vê-se-á que as cartas de cópas, de ás até nove, estão dispostas de fôrma que as três filas somam cada uma 10, 22 e 25 respectivamente. Poderão dispôr as cartas de modo diverso, para que as pintas, em cada fila, somem 20, tôdas igualmente?

Eucalipto gigantêsco

Na Australia foi há dois anos, abatido um eucalipto com mais de 150 metros de altura. O tronco dêste gigante das florestas encontrava-se completamente carcomido pela acção do tempo e servia de abrigo a cangurús e a ursos que nêle viviam em excelente camaradagem.

Sardou e as mulheres

O celebre dramaturgo francês dizia da mulher: — «Tenho em grande conta o belo sexo. Considero a mulher superior ao homem em tudo; possui a faculdade intuitiva num grau extraordinario e quasi sempre há a certeza de que cumprirá com o seu dever quando este lhe seja exigido pelas circunstâncias. A mulher, em geral, possui os mais nobres instinctos, e embora o Destino a persiga ferozmente sãe-se bem em tôdas as provas. Basta volver os olhos pela História para comprovar a verdade do que digo».

As mordeduras

O «Instituto Sul-Africano de Investigações Medicinaias» concluiu, há cerca de um ano, a preparação de um sôro cujas propriedades antigênicas e curativas são igualmente eficazes no tratamento das mordeduras da cobra e da víbora.

Muito concentrado, o sôro em questão apresenta-se sob um volume consideravelmente deduzido, de maneira que uma ampola equivale a duas dos sôros até agora utilizados contra o venêno daqueles temíveis reptis.

T. S. F.

O primeiro prêmio duma exposição de aparelhos da T. S. F. realizada o ano passado, em Londres, foi conferido a um receptor curiosissimo, no qual, as diferêntes partes em que estes engenhos, usualmente se dividem, eram dispostos com tal arte que o seu conjunto fazia lembrar um cavaleiro da Idade Média, montado a cavalo e apoiado á lança.

Palavras cruzadas

(Solução)

M	A	S	S	A			C	A	R	A	S		
A	L	Ã	O			C	A		S	Ê	L	A	
T	A	L			N	A	T	A		S	E	R	
A	S			M	A	L	A	G	A		A	O	
S						P	E	R	U			U	
		O	I	T	O				Ç	A	M	A	
		S	A	U	L				A	Z	A	P	
T						E	R	A	M			C	
A	R		L	Ã	I	V	O	S			P	E	
S	O	S		O	D	E	S			M	E	L	
C	E	A	R		E	S			R	A	L	A	
A	R	E	Ã	L					T	I	R	A	S

Extravagancias americanas

Há um certo tempo para cá, consistia a grande moda, nos Estados Unidos, em se celebrarem casamentos no alto mar. O comandante do navio desempenhava o papel de pastor protestante, lia uma passagem da Biblia e... estava o casamento feito!

Esta simplificação de formalidades deu ensejo a que crescêsse por tal fôrma o número de enlances a bordo dos grandes transatlânticos e foi tamanho o escândalo dêstas uniões que o ministro da Marinha acabou por proibir a tôdos os capitães de navios a realização de mais casamentos no alto mar.

O MOSTEIRO DE MAFRA

(Continuação da 7.ª página)

principado de Liège, por aquele mesmo generoso soberano, que tudo achava pouco e insufficiente para embelezar a sua Pátria, e nos quais, Pedro Le Roy, filho do célebre carrilhanista do mesmo apelido, executou galantes melodias de solfa maviosa, que deleitaram a côrte joanina.

A Biblioteca que pertenceu ao magnifico Mosteiro, é uma das cousas mais dignas de serem visitadas; a sua decoração, é de uma beleza austera, e, nas suas inumeras livrarias, arrecadam-se mais da 50.000 volumes raros, muito dos quais, enriquecidos de excelentes iluminuras.

Foi a essa «bagatela maravilhosa» — como lhe chamou certo historiador, contaminado com o espírito faccioso do século IX, ao dizer que ela nada teve de bom, a não ser, dar impulso às artes plásticas em Portugal, criando umas, fazendo reviver outras, e aperfeiçoando o resto (!!!), e, que, nesse mesmo maldizente periodo, falseando acintosamente, disseram ser «uma fanfarronada de pedra e cal, uma sensoriosa de marmore e uma «pia parvuice» — que se ficou devendo o movimento geral das Artes, na nossa Pátria.

Como já foi dito, algures, e com absoluta lógica, é mais prudente, aproveitar as lições do passado, exaltando sempre a grandeza de animo, e de obras, dos nossos maiores, do que lançar injustas censuras, que só amesquinham e derrotam a própria Nação

Ninguém veja nessa obra de Mafra, única e simplesmente o capricho de um Rei poderoso e opulento, mas sim, um util instrumento que serviu para aperfeiçoar e incutir, o gôsto pelas belas artes, no génio português, porquanto, foi à prestimosa Aula do Risco, dirigida por Ginsti, que D. João V estabeleceu em Mafra, expressamente para os seus vassallos não precisarem de ir mendigar ensinamentos artísticos, a terras estranhas, que se ficou deven-to o ciclo mais notável da arquitetura e da escultura nacionais, como bem foi evidenciado, depois do terremoto de 1755, na reconstrução da cidade de Lisboa.

Antes da invasão napolionica e do triunfo constitucionalista, valioso era tambem, o tesouro encerrado nessa votiva promessa real, simbolizadora dos sete milagres da vaidade, a que o mundo chama maravilhas; e, para que se possa fazer uma idéa do seu quilate, bastará dizer que, havendo D. João V, para que melhor ser apreciadas, mandando estender pelo extenso pavimento da grandiosa Basilica, e sôbre riquissimas colchas de damasco, tôdas as muitas alfaias que ofertára para o culto dos seus altares, ao vêr os semblantes de espanto dos Embaixadores estrangeiros presentes lhes dissera: «Admirai-vos. Senhores?... Pois saibai que, o que vêdes, me custou mais ouro que esta enorme machina de pedra-ria que nos cerca a tôdos!»

E. Raposo Botelho.

CASA A U D A K

Oficinas
para
reparação
e
construção
de
toda
a classe
de
aparelhos
Radio-
electricos

Modelo 67.SW. WINDSOR de 15 a 600 metros

Este pequeno Aparelho representa o expoente maximo da modernissima tecnica americana.
Quere ouvir a "Voz do Mundo"?

Compre um

WINDSOR SW.

Microfones
Amplifica-
dores
de som
Cinema
sonoro
Altofalan-
tes
Jensen
de
400 %

AGENTES GERAIS:

Costa & Arez, Lda.

Telef.: 2 1984
Teleg.: Costarez

Avenida da Liberdade, 72-A

LISBOA



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas

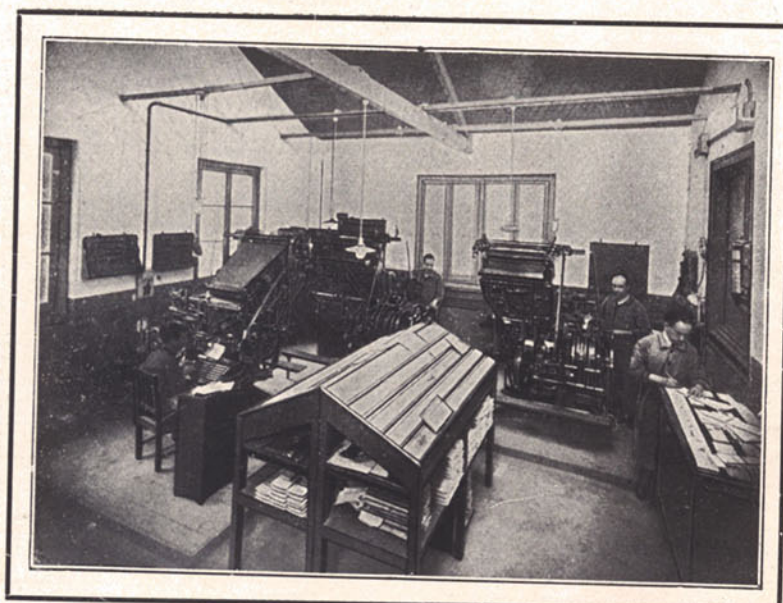


TRABALHOS
COMERCIAIS

LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRATIS

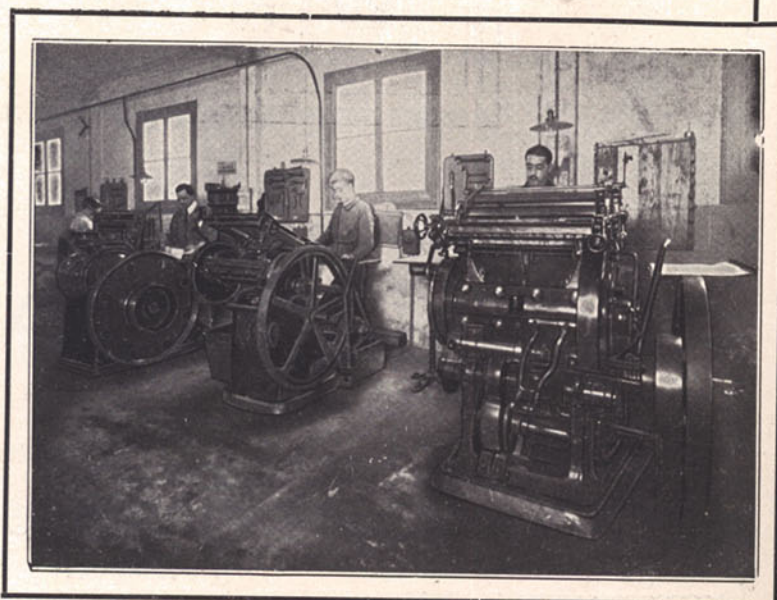


Oficina de composição mecânica



É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura



Oficina de impressão

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante
TRADUÇÃO DE

Dr.^a Sára Benoliel e Dr. Edmundo Ádler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire
e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosíssimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte—(2.^a edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espiritual em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas dônas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL** — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

Livros escolares de consulta e instrução

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

ALGEBRA ELEMENTAR, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 296 páginas..... 13\$00

ARITMÉTICA PRÁTICA, por *Cunha Rosa*—1 vol. de 384 págs..... 13\$00

DESENHO LINEAR GEOMÉTRICO, por *Cunha Rosa*—1 vol. de 192 págs., com 292 gravuras..... 12\$00

ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE, por *João Ribeiro Cristino da Silva*—1 volume de 709 págs., com 641 grav. 25\$00

ELEMENTOS DE MECÂNICA, por *Eugénio Estanislau de Barros*—1 vol. de 230 págs., com 141 grav..... 12\$00

ELEMENTOS DE METALURGIA, por *João Emilio dos Santos Segurado*—1 volume de 424 págs., com 121 grav. 20\$00

ELEMENTOS DE MODELAÇÃO, por *Joseph Füller*—1 volume de 150 págs., com 69 grav. e 30 estampas..... 12\$00

ELEMENTOS DE PROJEÇÕES, por *João António Piloto*—1 vol. de 405 págs., com 351 grav..... 18\$00

ELEMENTOS DE QUÍMICA, pela Direcção da *Biblioteca de Instrução Profissional*—1 vol. de 330 págs., com 73 gravuras..... 15\$00

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL, por *Severiano Ivens Ferraz*—1 vol. de 188 págs..... 12\$00

FÍSICA ELEMENTAR, por *Mário Valdez Bandeira*—1 vol. de 304 páginas, com 241 gravuras..... 15\$00

GEOMETRIA PLANA E NO ESPAÇO, por *A. Cunha Rosa*—1 volume de 390 págs., com 273 grav..... 15\$00

O LIVRO DE PORTUGUÊS, por *António Baião*—1 vol. de 220 págs..... 12\$00

MECÂNICA

DESENHO DE MÁQUINAS, por *Tomaz Borralho Pinheiro*..... 30\$00

MATERIAL AGRÍCOLA, por *H. Francem da Silveira*—1 volume de 270 páginas, com 208 gravuras..... 15\$00

NOMENCLATURA DE CALDEIRAS E MÁQUINAS DE VAPOR, por *António Joaquim de Lima e Santos*—1 volume de 280 páginas, com 423 gravuras 15\$00

PROBLEMAS DE MÁQUINAS, por *António Joaquim de Lima e Santos*—1 volume de 400 páginas, com 170 gravuras..... 18\$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

ACABAMENTOS DAS CONSTRUÇÕES, por *João Emilio dos Santos Segurado*—

1 volume de 340 páginas, com 162 gravuras..... 17\$00

ALVENARIA E CANTARIA, por *João Emilio dos Santos Segurado*—1 volume de 280 páginas, com 337 gravuras..... 15\$00

CIMENTO ARMADO, por *João Emilio dos Santos Segurado*—1 volume de 632 págs., com 351 gravuras..... 25\$00

EDIFICAÇÕES, por *João Emilio dos Santos Segurado*—1 volume de 260 páginas, com 191 gravuras..... 15\$00

ENCANAMENTOS E SALUBRIDADE DAS HABITAÇÕES, por *João Emilio dos Santos Segurado*—1 volume de 300 páginas, com 157 gravuras..... 15\$00

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, por *João Emilio dos Santos Segurado*—1 volume de 440 páginas, com 268 gravuras..... 20\$00

TERRAPLENAGENS E ALICERCES, por *João Emilio dos Santos Segurado*—1 volume de 230 páginas, com 230 gravuras..... 15\$00

TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL, por *João Emilio dos Santos Segurado*—1 volume de 400 páginas, com 448 gravuras..... 20\$00

TRABALHOS DE SERRALHARIA CIVIL, por *João Emilio dos Santos Segurado*—1 volume de 360 páginas, com 442 gravuras..... 18\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

CONSTRUÇÃO NAVAL, IV volume (*Construção de navios de ferro*), por *Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas*—1 volume de 148 páginas, com 298 gravuras formato 16 x 22..... 12\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL, V vol. (*Armaamento e acessórios dos navios de ferro*), por *Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas*—1 volume de 130 páginas, com 138 gravuras, formato 16 x 22..... 12\$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS, por *António Augusto Mendonça Teixeira*—1 volume de 670 páginas com 715 gravuras..... 25\$00

CONDUTOR DE MÁQUINAS, (*Nova edição refundida*)—1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 estampas..... 25\$00

FABRICANTE DE TECIDOS, por *José Maria de Campos Melo*—1 volume de 608 páginas, com 342 grav.,..... 25\$00

FERREIRO—1 volume de 238 páginas, com 155 gravuras e 34 estampas... 15\$00

FOGUEIRO, por *António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real*—1 volume de 384 páginas, com 318 gravuras... 18\$00

FORMADOR E ESTUCADOR, por *Joseph Füller*—1 volume de 196 páginas, com 66 gravuras..... 12\$00

FOTÓGRAFO, por *Antero Dâmaso das Neves*—1 volume de 204 páginas, com 31 gravuras..... 12\$00

FUNDIDOR, por *Henrique Francem da Silveira*—1 volume de 232 páginas, com 104 gravuras..... 15\$00

GALVANOPLASTIA, por *André Brochet*, tradução de *Manuel Vêres*—1 volume de 400 páginas, com 148 gravuras 18\$00

MARCENEIRO, por *José Pedro dos Reis Colares*—1 volume de 378 páginas, com 299 gravuras e 97 estampas..... 20\$00

MOTORES DE EXPLOSAÇÃO, por *António Mendes Barata*—1 volume de 450 páginas, com 368 gravuras..... 20\$00

NAVEGANTE, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 308 páginas, com 139 gravuras..... 15\$00

PILOTAGEM, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 360 páginas, com 119 gravuras..... 17\$00

SERRALHARIA MECÂNICA, por *João Sequeira de Castro*—1 volume de 412 páginas, com 395 gravuras..... 20\$00

TOPOGRAFIA E AGRIMENSURA, pelo capitão *Guedes Vaz* e tenente *Mousinho de Albuquerque*—1 volume de 362 páginas, com 238 gravuras..... 18\$00

TORNEIRO E FREZADOR MECÂNICOS, por *João Sequeira de Castro*—1 volume de 307 páginas, com 372 gravuras..... 17\$00

VOCABULÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS, por *Raul Boaventura Real*—1 volume de 558 páginas..... 30\$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

INDÚSTRIA ALIMENTAR, por *Pedro Protes*—1 volume de 180 páginas, com 76 gravuras..... 14\$00

INDÚSTRIA DE FERMENTAÇÃO, por *Henrique Francem da Silveira*—1 volume de 180 páginas, com 72 gravuras..... 14\$00

INDÚSTRIA DE SABÕES E SABONETES, por *António Rio de Janeiro*—1 volume de 100 páginas, com 26 gravuras..... 10\$00

INDÚSTRIA DO VIDRO, por *José Maria de Campos Melo*—1 volume de 232 páginas, com 111 gravuras..... 15\$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à Livraria BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**À RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAIS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
54—2.ª parte—*Justica!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FERIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMILIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRAN-
NICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GÉLOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



“Todos precisamos de tomar Ovomaltine”

A perturbação e ansiedade destes tempos de depressão produz um péssimo efeito sobre a saúde, sendo por isso nesta ocasião que mais devemos pensar em a defender contra todos os perigos. Quando o cérebro, os nervos e o corpo estão em perfeitas condições é muito mais fácil enfrentar as perturbações e as dificuldades com alegria e confiança.

A saúde depende quasi inteiramente duma alimentação correcta e adequada. Os alimentos vulgares, carecem de qualidades nutritivas; eles devem ser acompanhados por um alimento rico em elementos nutritivos.

Para esse fim nada há como a OVOMALTINE; Ela é a conhecida bebida alimentícia que possui correctamente combinados os alimentos nutritivos em grande quantidade. É um alimento original feito de extracto de malte, leite e ovos frescos, das melhores produções suíças.

Velhos e novos, necessitam desta deliciosa bebida para assegurar uma aptidão mental e física perfeitas e uma boa saúde.

OVOMALTINE

E A SAUDE

A venda em todas as farmacias, drogarías e boas mercearias, em latas de 110, 250 e 500 grs. aos preços de 8350, 16500 e 30500

DR. A. WANDER, S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS 41 2.ª - LISBOA

